

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DESENHO INDUSTRIAL

JÉSSICA CARINA SCOZ

KARL HEINZ BERGMILLER E O PALÁCIO ITAMARATY

BRASÍLIA

2018

JÉSSICA CARINA SCOZ

KARL HEINZ BERGMILLER EO PALÁCIO ITAMARATY

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Design, da Universidade de Brasília, a ser utilizado com Trabalho de Conclusão de Curso.

BRASÍLIA

2018

JÉSSICA CARINA SCOZ

KARL HEINZ BERGMILLER E O PALÁCIO ITAMARATY

Trabalho de conclusão de curso, apresentado na Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Design.

Brasília, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ana Claudia Maynardes - orientadora
Depto de Design – Universidade de Brasília

Prof. Dra. Marisa Cobbe Maass
Depto de Design – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Rogério José Câmara
Depto de Design – Universidade de Brasília

Agradeço a Deus por mais esta realização.

Dedico a minha família, amigos e à professora orientadora Ana por toda a colaboração e paciência durante o desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

O trabalho trata de um estudo acerca da atuação do designer Karl Heinz Bergmiller (1928) na produção da mobília de escritório do Palácio Itamaraty, em Brasília, entre as décadas de 1960 e 1970. Por meio de pesquisas documentais, bibliográficas, imagéticas e entrevistas, foi realizado um importante levantamento do acervo patrimonial do mobiliário produzido por Bergmiller para os ambientes dos blocos da Administração, onde se encontram inúmeras peças projetadas e fabricadas com especificidades funcionais dentro dos conceitos de “padrão”. Foi verificado que ali existe mobiliário de diferentes funções: mesas para reuniões e de apoio, escrivaninhas, sofás, poltronas, dentre outros, que estão em uso até os dias atuais. Entende-se que tal estudo é de importância ímpar para a produção historiográfica do design do mobiliário brasileiro.

Palavras Chave: Karl Heinz Bergmiller; Mobiliário Moderno; Palácio Itamaraty.

ABSTRACT

The work deals with a study about the performance of the designer Karl Heinz Bergmiller (1928) in the production of office furniture at the Itamaraty Palace in Brasilia, between the 1960s and 1970s. Through documentary research, bibliographic, imagery and interviews, an important survey was carried out of the heritage collection of the furniture produced by Bergmiller for the environments of the Administration blocks, where there are numerous pieces designed and manufactured with functional specificities within the concepts of "standard". It was verified that there is furniture of different functions: tables for meetings and support, desks, sofas, armchairs, among others, that are in use until the present day. It is understood that such study is of unique importance for the historiographic production of Brazilian furniture design.

Keywords: Karl Heinz Bergmiller; Furniture; Palace Itamaraty.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEDESIGN - Associação Brasileira das Empresas de Design

ABDI - Associação Brasileira de Desenho Industrial

AIG - Assessoria de imprensa do Gabinete

DEC - Departamento Econômico

DMR - Departamento de Mecanismo Inter-Regionais

ESDI - Escola Superior de Desenho Industrial

IDI - Instituto de Desenho Industrial (MAM)

JK - Juscelino Kubitschek

MAM - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

MRE - Ministério das Relações Exteriores

SARQ - Departamento de Arquitetura e Engenharia de Palácio Itamaraty

SGAP 1 - Subsecretaria - Geral de Política 1

SGEF - Subsecretaria - Geral de Assuntos Econômicos e Financeiros

SGALC - Subsecretaria - Geral da América Latina e do Caribe

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Canapê Beranger, estilo Beranger (século XIX)	14
Figura 2 Cadeira Cimo, décadas de 1920 e 1930- simplicidade, funcionalidade e economia.....	15
Figura 3- Palácio Itamaraty e fachada dos arcos (2014)	19
Figura 4- Vista aérea do Palácio Itamaraty- os três blocos e suas formas geométricas..	22
Figura 5- Vista geral das obras em 1966	23
Figura 6- Vista do Bloco Administrativo – Anexo I – 2018	23
Figura 7- Vista geral das obras já finalizadas em julho de 1971.....	24
Figura 8- Palácio Itamaraty. Saguão dos Gabinetes. Mesas Eleh, de Sérgio Rodrigues, 1965, e marquesa do século XIX.	26
Figura 9- Símbolo do MRE desenhado por Aloísio Magalhães, 1966	26
Figura 10 - Mobiliário vindo do Rio de Janeiro,1930	27
Figura 11-Sistema de Mobiliário de Bergmiller em uso	28
Figura 12- Vitrine de Sérgio Rodrigues 1958 que expõe documentos históricos	29
Figura 13- Mesa dos Tratados 1850.....	29
Figura 14- Sala Bahia – Ambiente com mobiliário modificado	31
Figura 15- Cadeira Bahia -1965	31
Figura 16- Sala Rio de Janeiro com as cadeiras Arcos 1967, de Bernardo Figueiredo.	32
Figura 17- Cadeiras Arcos 1967, de Bernardo Figueiredo	32
Figura 18- Bergmiller em escritório	34
Figura 19- Projeto sofá-cama. Ruben Martins, Bergmiller e Guedes.	35
Figura 20- Manual para planejamento de embalagens	36
Figura 21- Cadeira do aluno, Móvel Escolar 1999	37
Figura 22- Linha do Tempo de Karl Heinz Bergmiller.....	39
Figura 23- Telegrama que solicita visita de Bergmiller à Brasília 1959.....	40
Figura 24- Desenho técnico da Escrivaninha de Escritório	41
Figura 25- Escrivaninha e mesa de datilografia	42
Figura 26- Escrivaninhas em uso	42
Figura 27- Mesa auxiliar e Escrivaninhas com gaveteiro	43
Figura 28- Etiqueta da Escriba ainda presente sob os móveis	43
Figura 29- Mesa de Máquina e mesa de apoio	45

Figura 30- Desenho Técnico Mesa de Máquina	46
Figura 31- Desenho Técnico do móvel de apoio	47
Figura 32- Escrivaninha com gavetas e escrivaninha em L	48
Figura 33- Desenho técnico de Escrivaninha com gavetas	49
Figura 34- Detalhe do DT da Escrivaninha com gavetas	50
Figura 35- Desenho técnico da Escrivaninha em L	51
Figura 36- Detalhamento e DT da Escrivaninha em L	52
Figura 37- Escrivaninha Linha F com gavetas	54
Figura 38- Carrinhos volantes e mesa de centro Linha F	55
Figura 39- Mesa de datilografia e mesa auxiliar Linha F	56
Figura 40- Mesa de datilografia e mesa auxiliar - Linha A	57
Figura 41- Mesa auxiliar e mesa com gavetas Linha M	58
Figura 42- Mesa de centro Linha MC1	59
Figura 43- Etiqueta da Escriba-1976.....	60
Figura 44- Mesa de centro Linha MC3	60
Figura 45- Poltrona de um lugar - Linha S1	61
Figura 46- Sofá três lugares - Linha S3	62

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2 O MÓVEL BRASILEIRO – pressupostos teóricos	13
2.1. Processo de Modernização dos móveis	13
3. PALÁCIO ITAMARATY	18
3.1. Do projeto à transferência para Brasília	19
3.2 O design no Itamaraty	24
3.3 O mobiliário nas funções da diplomacia Brasileira	27
4. BERGMILLER EO PALÁCIO ITAMARATY	33
4.1 Trajetória	33
4.2 Bergmiller no Itamaraty	40
4.3 Linha de Móveis: Bergmiller e Escriba	44
4.3.1”Sistema Bergmiller” para o Itamaraty	44
4.3.2 Linha F	53
4.3.2.1 Escrivaninhas	53
4.3.2.2 Carrinhos volantes e mesa de centro	55
4.3.2.3 Mesa de datilografia e mesa auxiliar	56
4.3.3 Linha A	57
4.3.4 Linha M	58
4.3.5 Linha MC	59
4.3.6 Linha S	61
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	64

1. INTRODUÇÃO

O processo de modernização do móvel no Brasil se deu pela abertura dos portos em 1808, com a vinda da coroa e corte portuguesas, e assinaturas de tratados comerciais. A partir de então, o país começa a receber peças de mobiliário que influenciaram a produção local. Com isso houve uma transformação econômica e produtiva que orientou para a criação de móveis industrializados. A partir da metade do século XIX, o Brasil teve uma evolução significativa na produção do móvel, um número expressivo de marceneiros e fábricas produziam várias peças de diferentes estilos.

No início do século XX, foram abertas no Brasil duas fábricas que propunham desenvolver móveis de produção racionalizada para obter preços mais acessíveis e que tinham como discurso a simplicidade e a inteligência do desenho: eram as marcas da “Cama Patente” e os móveis “Cimo”.

A produção em larga escala, seguindo os princípios da produção do “padrão”, surgiu com a necessidade de modernizar o processo produtivo e se inserir nos conceitos modernistas da época.

Com a construção de Brasília, já em meados da década de 1950, vários designers e arquitetos, e suas empresas, foram convocados para mobiliar prédios importantes da nova capital. Foi a oportunidade de inserir aquela produção ainda em processo de aceitação pelo público em geral, até então muito influenciado pelos estilos tradicionais. Os prédios da administração pública e os palácios, o Palácio da Alvorada, o Congresso Nacional e, em especial o Palácio Itamaraty tiveram seus ambientes planejados sob a égide e pressupostos do modernismo.

Para o Palácio Itamaraty foram projetados móveis para duas seções principais: os ambientes de “representação” (Bloco Representação) onde se localizam os salões de festas e recepções, auditórios e escritórios do secretário-geral e do ministro de estado; e os de “administração” (Bloco Administração – Anexos I e II), que possuem toda uma gama de escritórios de diretorias, departamentos e de representações diplomáticas.

Esta pesquisa se dedicou ao estudo dos móveis para os ambientes dos blocos da “administração” do Palácio Itamaraty, onde se encontram inúmeras peças projetadas e produzidas com especificidades funcionais daqueles ambientes dentro dos conceitos de

“padrão”. Sabe-se que ali existem coleções com muitas peças de diferentes funções: mesas para reuniões e de apoio, mesas de escritório, escrivaninhas, sofás, entre outras, que estão em uso até os dias de hoje.

Karl Heinz Bergmiller (1928) é nome evidente entre os designers que assinam os projetos desses móveis. Assim como é evidente também a presença da marca Escriba, uma empresa de móveis da qual Bergmiller foi diretor de projeto e que se destacou como uma empresa inovadora em conceitos de móveis de escritório.

Para tanto, o objetivo geral da pesquisa foi realizar um levantamento e estudo acerca do mobiliário de escritório produzido por Karl Heinz Bergmiller para o Palácio Itamaraty, entre as décadas de 1960 a 1970.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi iniciada a partir de estudo teórico sobre o mobiliário brasileiro. Com base em Santos (1995), Santi (2013), Mari & Calheiros (2014) e Maynardes (2015) foram levantadas características do mobiliário a partir de três pontos. O primeiro abrangeu a história do desenvolvimento do “desenho” ou “estilo”, seus paradigmas e influências; o segundo sobre os processos de industrialização; o terceiro sobre o mobiliário moderno, mais especificamente, sobre a produção de Bergmiller. Esse estudo gerou o Capítulo 2, no qual fazemos um breve histórico de como a produção do mobiliário se deu no contexto brasileiro.

Juntamente à fase dos estudos sobre o mobiliário brasileiro, partir-se para o entendimento histórico-político sobre a construção do Palácio Itamaraty no contexto da construção de Brasília. Nesta fase houve duas frentes que correram paralelas: em uma, foram realizadas pesquisas bibliográficas acerca da construção de Brasília e do Itamaraty com base em Rossetti (2012) e Murinho (1999); na outra, foram analisados documentos existentes no Palácio, como depoimentos, textos, vídeos e escritos (alguns desses documentos tiveram acesso restrito e não podem ser citados neste trabalho). Esta pesquisa encontra-se desenvolvida no Capítulo 3 e demonstra a importância do design no projeto do Itamaraty.

Para uma maior “familiaridade” e um entendimento macro acerca do Itamaraty (arquitetura, mobiliário, obras de arte, objetos, ambientes, estrutura organizacional,

entre outros) foram realizadas visitas periódicas em suas dependências e ambientações. Esse levantamento foi essencialmente fotográfico e por meio de observação direta.

Após as pesquisas teóricas e visitas ao Itamaraty, foi realizada uma coleta de dados técnicos sobre a produção de Bergmiller e Escriba por meio de catálogos, desenhos e fotografias, assim como entrevista com profissionais da área.

Na sequência da pesquisa, o passo seguinte foi um criterioso levantamento das peças de mobiliário de escritório existentes nos ambientes do Palácio Itamaraty com o objetivo de identificação de tais peças. Para esta tarefa foram realizadas recorrentes visitas aos escritórios que existem no Bloco Representação (gabinete do ministro, secretarias, assessoria de imprensa, entre outros), ao Anexo II (Bolo de Noiva) e, principalmente, ao Anexo I - Bloco Administração, onde se localiza a maioria dos escritórios administrativos pertencentes ao Palácio. Nesta fase foi preenchida uma ficha de comentários com dados gerais e levantamento fotográfico para cada peça e ambiente. Muitas peças foram encontradas nesses espaços, com estilos, épocas, fabricantes, materiais e funções das mais variadas.

A partir da classificação geral do mobiliário de escritório, foi realizada a identificação da autoria e autenticidade das peças de Bergmiller e Escriba. Foram levantados 5 diferentes tipos (funções) de móveis: mesa de apoio, mesa de apoio (aparador), mesa de centro, poltrona de um lugar, sofá três lugares, escrivaninha com dois gaveteiros laterais, mesa de apoio com rodinhas, mesa para refeitório, escrivaninha com um gaveteiro lateral, mesa de máquina e mesa de reuniões. Apesar de não ser intuito desta pesquisa realizar levantamento quantitativo, até o momento foram contabilizadas cerca de 50 peças de Bergmiller espalhadas pelo Itamaraty.

Todo esse levantamento está descrito no Capítulo 4. Nele apresentamos um breve relato sobre a trajetória profissional de Bergmiller e sua aproximação junto ao Palácio Itamaraty. Também fazemos uma descrição e classificação das linhas de mobiliário desenvolvidas por ele, e posteriormente a inserção da Escriba.

Entende-se que este estudo é de relevante importância para a historiografia do design de mobiliário brasileiro, pois evidencia a mudança de paradigma de um passado colonial e artesanal para um cenário de desenvolvimento industrial da época, tendo pressuposto, a identidade brasileira.

Por fim, esta pesquisa é parte de uma pesquisa maior intitulada “Mobiliário Moderno no Itamaraty” que iniciou em meados de 2016 e faz parte do Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília (2017-2018) em parceria com o Palácio Itamaraty, Ministério das Relações Exteriores.

2. O Móvel Brasileiro – pressupostos teóricos

No presente capítulo discorreremos sobre o processo de modernização pelo qual a produção do mobiliário no Brasil atravessou. O consideramos como pressuposto teórico, pois, é a partir do entendimento dessa base teórica que a pesquisa em questão se deu.

2.1 Processo de Modernização dos móveis

O processo de industrialização do mobiliário brasileiro, em sua origem, teve muitas influências que surgiram da produção artesanal. Desde o período colonial, os artesãos portugueses eram os que dominavam as técnicas para construção de mobiliário e objetos em madeira, e também formavam as pessoas para exercerem o ofício de marceneiro. Com eles foram trazidas técnicas milenares de marcenaria de influência oriental. Adiciona-se a essa herança colonial, as influências da cultura indígena, africana e, posteriormente, a influência dos imigrantes no final do século XIX e início do século XX. A partir das imigrações, coube aos artífices italianos, espanhóis e alguns alemães, o desenvolvimento de grande parte da produção do setor, pois possuíam alguma formação, obtida em seus países de origem. Assim, a produção brasileira demorou para encontrar uma unidade estética, pois, desde suas origens, teve um estilo carregado de características distintas. (SANTI, 2013)

No final do século XIX e primeiras décadas do século XX, houve a necessidade de realizar a produção seriada e a maioria das empresas que se sobressaía vinha de uma estrutura familiar e tinha como modelo a produção do móvel tradicional. Assim, os móveis produzidos no Brasil até metade do século XX eram fabricados por marcenarias que surgiam à medida que a demanda crescia, como também por meio de encomendas feitas ao Liceu de Artes e Ofícios, uma instituição que funcionava como empresa-escola. Os móveis mantinham o estilo eclético bastante comum até metade do século XX, misturando estilos de diversas épocas e técnicas, e eram comprados pela aristocracia e pela burguesia urbana. (SANTI, 2013)



Figura 1– Canapé Beranger, estilo Beranger (século XIX)
Fonte: Museu da Casa Brasileira

O Brasil começou a fabricar os primeiros móveis usando produção seriada e dedicada ao consumo popular, durante a 1ª Guerra Mundial, quando Celso Martinez Correa (1884-1955) desenhou a primeira linha de móveis em madeira vergada entre os anos de 1915 e 1920. Os móveis, batizados de Patente, eram inspirados nos móveis Thonet e tinham como características a simplicidade, inteligência do desenho e padronização das peças (MAYNARDES, 2015).

Dois fatores foram fundamentais e serviram de base para a construção do processo de modernização dos móveis no Brasil. A primeira, até a década de 1930, quando os móveis seguiam a cópia dos estilos do século anterior e a tradição colonial; e a segunda, depois da década de 1930, com a manifestação da arquitetura moderna e o surgimento das ideias modernistas no movimento de 1922 (SANTOS, 1995).

O processo de modernização e industrialização da produção moveleira foi lento e passou por etapas de contradições e obstáculos, como: Dificuldade de atualizar a produtividade e tecnologia; falta de regulamentação dos insumos da indústria; os cenários, tanto econômico quanto político em constante instabilidade; uma nova classe consumidora em formação; resistência às novas propostas e novos materiais; e problemas na revenda e distribuição da produção, foram as dificuldades pelas quais designers e empresários tiveram que enfrentar ao investir no setor (ANDRADE, 2017).

A falta de uma classe burguesa consumidora fez que iniciativas inovadoras no desenho de móveis para assalariados fossem importantes para o pioneirismo, proposto

por vários arquitetos e designers das décadas de 1920 a 1940, contudo não representaram uma possibilidade efetiva de modernização dos interiores das casas no Brasil nesse período.



Figura 2 - Cadeira Cimo, décadas de 1920 e 1930 – simplicidade, funcionalidade e economia. Fonte: Maynardes, 2015

Em meados da década de 1940, alguns profissionais instauraram um momento de transição pautado por uma revisão das influências externas e pela valorização das formas e materiais de origem nacional ao mesmo tempo em que o processo de industrialização em implantação torna-se alicerce do progresso do país. É importante salientar que a proposta era de que os objetos apresentassem uma pesquisa de novas técnicas construtivas, novos materiais e acabamentos, e uma nova linguagem que propunha produtos baseados numa pesquisa da cultura e das raízes brasileiras. Foram feitas experimentações com materiais incomuns no mobiliário, como a madeira compensada, utilizada de forma explícita como estrutura, e o uso de lona, couro e até de tecido de chita nos assentos.

Os profissionais começam a pensar em um desenho de móvel moderno compatível com uma nova sociedade brasileira e associado à industrialização. Dedicaram-se ao desenho de um móvel que pudesse transmitir o “jeito brasileiro” de ser e de morar, usando materiais nacionais.

Embora os designers brasileiros não deixassem de acompanhar as inovações do design dos principais centros europeus, durante esse tempo de amadurecimento, muitos deles dedicaram-se à pesquisa de formas ligadas às nossas tradições culturais e à exploração das possibilidades de nossos materiais, criando soluções originais mais de acordo com a realidade, as condições, a tecnologia, o clima e o cotidiano do brasileiro. Pode-se dizer que desse processo resultaram

peças em que a linguagem e a técnica modernas se aliaram às características nacionais, contribuindo, assim, para a caracterização de um design brasileiro. (BAYEUX, 1997, p. 96)

Já na década de 1950 o móvel conseguiu passar de uma produção reduzida e artesanal para uma produção seriada. Pois, foi nessa época que houve uma aceitação e reconhecimento da arquitetura moderna pela sociedade brasileira. Aqui se faz a referência da construção de Brasília e do Palácio Itamaraty.

Para Bayeux (1997), a euforia do desenvolvimentismo de JK foi um momento fértil para a difusão do mobiliário moderno no Brasil.

Nas décadas de 1950 e 1960, segundo Santos (1995), o pensamento moderno já estava difundido na sociedade brasileira. Nessa fase surgiram representantes como Sergio Rodrigues (1927-2014), além de indústrias como Móveis Preto e Branco (1950), L'Atelier (1955), Móveis Z (1950), Unilabor (1954), Móveis Contemporânea (1955), entre outros tantos que contribuíram com o novo desenho e também com a produção industrial do móvel.

A ideia era trabalhar nas questões relacionadas ao nacionalismo e sua relação com a cultura brasileira. Os móveis deveriam representar os valores culturais e transmitir a modernidade.

Assim, ao ser inserida na cultura progressista do processo de industrialização, a produção do móvel brasileiro incorporou o princípio do racionalismo como uma das formas de promover a produção industrial. Ao mesmo tempo em que houve esse pensamento racional e de padronização em torno da fabricação em série, ocorreu também uma busca por novas ideias que viabilizassem uma linguagem própria e específica da cultura brasileira.

Deste modo, começou a haver uma aceitação acerca dos fatores produtivos e das condições que condicionavam os objetos aos organogramas funcionais de melhor uso, no qual se deveria buscar o formato do móvel expresso na sua função (de uso). Princípio esse que era regido pelas propostas funcionalistas tão divulgadas junto ao meio produtivo. Esse novo mobiliário foi se constituindo a partir de formas ligadas às tradições culturais e à exploração das possibilidades dos materiais, criando soluções de

acordo com a realidade da tecnologia, do clima e do cotidiano do brasileiro (MAYNARDES, 2015).

Assim, essa condição dada por meio de buscas às raízes e práticas culturais, à experimentação de materiais nativos e corriqueiros junto ao povo, aliada aos novos processos e conceitos de produção industrial, proporcionou ao design do móvel uma característica muito particular no cenário do design brasileiro.

Desde suas origens, com a incorporação dos móveis vindos de Portugal, passando por aqueles que surgiram das propostas modernistas, até o móvel contemporâneo, a produção do mobiliário brasileiro sucessivamente apresentou processos em que a ressimbolização atuou de forma presente e permanente. Por mais que seguissem os preceitos funcionalistas, as propostas permitiam um maior grau de liberdade nos projetos, seja por meio do uso das referências da herança dos estilos coloniais, do tradicional, seja pelo uso das técnicas e materiais (MAYNARDES, 2015).

Os objetos pautados por princípios modulares produzidos industrialmente em série tinham a competência de resolver os problemas com relação à rapidez e à economia produtiva e também deram um modo de vida padronizado ao indivíduo e à sociedade.

Tanto para o entendimento do processo produtivo e seus sistemas, para o desenvolvimento de processos e métodos de projeto, quanto para a formatação do design enquanto profissão trata-se de um passado próximo importante. Apesar de ter chegado a um ponto em que o tradicional deixa de ser usado, o período foi intensamente aproveitado, o que proporcionou ao design um desenvolvimento e autonomia sem iguais. (MAYNARDES, 2015).

3. Palácio Itamaraty

O Palácio Itamaraty, também conhecido como Palácios dos Arcos, onde está instalado o Ministério das Relações Exterior do Brasil (MRE), tinha sede no Rio de Janeiro e foi transferido para Brasília juntamente com a construção da nova Capital do Brasil, de Juscelino Kubitschek, em fins da década de 1950. O Palácio Itamaraty está localizado na Esplanada dos Ministérios, próximo ao Supremo Tribunal Federal.

O Itamaraty foi o último dos palácios a ser construído, em colaboração entre os arquitetos Oscar Niemeyer, Lucio Costa e Olavo Redig de Campos, que coordenava as obras de perto. Outro nome de grande importância foi o diplomata Wladimir do Amaral Murtinho, chefe da Comissão de Transferência do Ministério das Relações Exteriores para Brasília. Além do encargo de acompanhar a construção e realizar a transferência, Murtinho foi responsável, por meio da diplomacia, em promover a imagem e a identidade do país, seguindo os ideais nacionalistas e desenvolvimentistas do governo da época. Para ele, a melhor maneira de representar o país era apresentá-lo por intermédio da arquitetura, do design e da arte realizadas por brasileiros. Por esse motivo, o Palácio Itamaraty em Brasília, possui um grande acervo de artistas, designers e arquitetos brasileiros.

Com a mudança dos presidentes da república acabou havendo atraso e adiamento na finalização da construção do Palácio. Ainda assim, apesar dos percalços, o Itamaraty foi inaugurado em abril de 1970.

Este capítulo faz um breve histórico acerca da construção do Palácio Itamaraty e da importância de seu acervo como representante de um abrangente diálogo sobre a identidade cultural brasileira.

3.1. Do projeto à transferência para Brasília

Batizado popularmente como Palácios dos Arcos, denominação dada por possuir fachada externa com grandes arcos construídos em concreto, o Ministério das Relações Exteriores (MRE) foi oficialmente denominado “Palácio Itamaraty” em 14 de março 1965, quando o então ex-presidente Castello Branco, por meio de um decreto-lei, fez prevalecer a continuidade do nome “Palácio *do* Itamaraty” dado em homenagem a Francisco José da Rocha, conde de Itamaraty, em cuja casa, no Rio de Janeiro em 1889, ano da Proclamação da República, o Ministério das Relações Exteriores foi criado e instalado com tal nome.



Figura 3 - Palácio Itamaraty e fachada dos arcos (2014)

Fonte: Dissertação de José Airton Costa Jr

A construção do Palácio está diretamente ligada à construção física e política da capital do país, mesmo que a edificação tenha sido finalizada após a inauguração de Brasília. O prédio do Palácio Itamaraty não só representa a diplomacia brasileira, mas é um símbolo do nosso país, a junção do Brasil do passado com o Brasil do futuro (PALÁCIO ITAMARATY BRASÍLIA, 2002).

Para iniciar os estudos de transferência foi criada uma comissão, ainda no Palácio do Rio de Janeiro, para a qual foi designado o diplomata Wladimir do Amaral Murtinho que tinha a tarefa de definir as demandas e orientar a elaboração do projeto arquitetônico. O diplomata chegou a Brasília em 1958 e trabalhou ao lado do arquiteto Oscar Niemeyer.

Foi elaborado um estudo com as demandas da secretaria geral do MRE, que seria para orientar o arquiteto. O modelo para as diretrizes iniciais foi o da estrutura organizacional do Itamaraty do Rio de Janeiro. Murtinho relata que

Na realidade, embora não pareça, o ministério é extremamente inspirado no palácio que nós temos no Rio de Janeiro [...] com efeito, o palácio do Rio de Janeiro é constituído de um prédio antigo do século XIX [...] onde está o que nós chamamos da parte representativa do ministério. Temos depois uma ala grande, onde estavam os serviços e uma segunda ala, que completava isso, que era, onde está a biblioteca e os serviços de arquivo. Essa idéia de três diferentes prédios que caracterizou o ministério: um representativo, um de administração e um complementar que abrigaria a parte de documentação (PALÁCIO ITAMARATY: INVENTÁRIO DE BENS ARQUITETÔNICOS, 2008, pg12).

Essas diretrizes, além de definirem o projeto arquitetônico para o MRE, foram também definidoras para Brasília, pois trariam credibilidade e realidade para o surgimento da nova capital do país.

O primeiro anteprojeto desenvolvido para o MRE, apresentado em 1959, não supria as necessidades do ministério presentes nas diretrizes colocadas no relatório da comissão. Segundo o projeto original que Lúcio Costa havia criado para Brasília, todos os ministérios teriam prédios idênticos, contudo os responsáveis pela diplomacia não aceitaram um “simples” prédio administrativo. Era um embate estético: o palácio deveria receber quem entrasse na esplanada dos ministérios.

Em toda a elaboração do projeto final houve discussões sobre as demandas e questões específicas. Murtinho relata sobre o pavimento térreo do Bloco Representação:

Nós conseguimos então, pouco a pouco, um diálogo perfeito [...] porque nós, na realidade, repetimos a solução que havia sido adotada no Rio de Janeiro, para o palácio propriamente dito. O palácio no Rio de Janeiro é um quadrilátero à semelhança deste, e tem duas alas: em uma está o secretário-geral, com todo o seu secretariado, e do outro está o ministro de Estado, com o gabinete, e isso foi o que nós fizemos aqui (MURTINHO, 1990, pg. 7).

Outros detalhes foram discutidos como acessibilidade dos salões de recepções e banquetes, e sobre o espelho d'água. Houve diversas discussões que evoluíram até ao anteprojeto que apresentou as características do que seria o projeto final. Chegam então ao projeto arquitetônico final entre os anos de 1962 e 1963.

O projeto do palácio, como citado anteriormente, ficou semelhante ao “Palácio do Itamaraty”, no Rio de Janeiro. Como planta arquitetônica, apresenta três formas geométricas que se completam: “um quadrado baixo, um longo e alto retângulo e um edifício circular”. Este conjunto ocupa uma área superior a 72.000m², e cada forma geométrica possui funções específicas. O “quadrado” (Bloco Representação) é a área do palácio e está composto por salões de honra e recepções de amplo banquete (sala Brasília), e pequenas salas para almoços e reuniões íntimas (sala Bahia e sala Rio de Janeiro), assim como estão o gabinete do ministro e do secretário-geral. No andar subsolo, onde se encontra o Auditório, há salas de apoio equipadas para realizar conferências, congressos e reuniões. Já no “retângulo” (Bloco Administração) está a área administrativa do Ministério das Relações Exteriores, onde estão os departamentos e divisões. A “forma circular” (Bolo de Noiva) foi destinada para o arquivo histórico e para a biblioteca (PALÁCIO ITAMARATY: INVENTÁRIO DE BENS ARQUITETÔNICOS, 2008).



Figura 4 - Vista aérea do Palácio Itamaraty – os três blocos e suas formas geométricas

Fonte: Imagens Google, dados do Mapa 2018

A construção do Palácio Itamaraty foi marcada por grandes atrasos entre os anos de 1963 a 1970, e foi o último a ser construído após a era JK. A implantação da nova capital, que estava em ritmo acelerado, sofreu interrupções devido à mudança de governo. O então presidente Jânio Quadros estancou a agenda que previa ações do governo para a consolidação da cidade. A situação se agravou com a renúncia de Jânio, sucedido por João Goulart e deflagração do golpe de estado de 1964. Contudo, apesar dos adiamentos e “abandono” ao projeto de JK, Brasília já estava irrevogavelmente implantada. É neste contexto de empecilhos que as obras de Niemeyer sofrem ingerências e atrasos, e o projeto arquitetônico do Ministério das Relações Exteriores foi revisto e tornou-se a sede governamental mais proeminente no funcionamento pleno da nova capital. (ROSSETTI, 2009)

Ainda que lentas, devido ao mau momento político, em 16 de agosto de 1963 foram iniciadas as obras do Palácio. No ano seguinte, a armação do Palácio alcançava a primeira laje. Em 1965 as obras seguiram em ritmo acelerado, e em 1966 a estrutura de concreto já estava concluída, como mostra a figura 5.



Figura 5 - Vista geral das obras em 1966

Fonte: Palácio Itamaraty: inventário de bens arquitetônicos, 2008.

No início de 1967 as obras do palácio estavam finalizadas inclusive com todos os detalhes do projeto, que incluíam a aquisição de obras de arte e mobiliário.

Após o término da construção, o Palácio Itamaraty foi inaugurado em 20 de abril de 1970 como sede da diplomacia brasileira. No dia seguinte da inauguração foi realizada uma cerimônia para oficializar a transferência dos serviços diplomáticos para a capital.

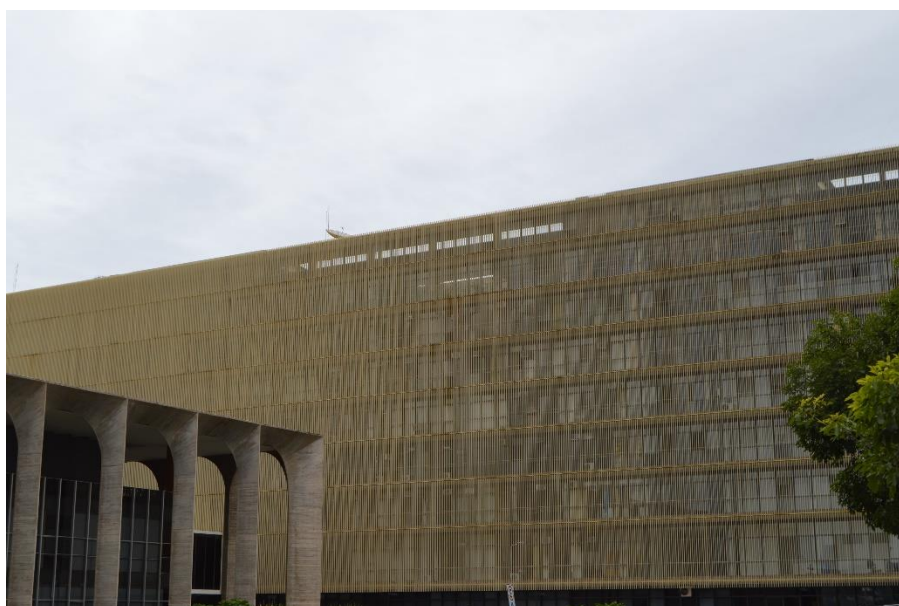


Figura 6 - Vista do Bloco Administrativo – Anexo I – 2018 Foto: da autora

Antes da definitiva transferência, somente alguns departamentos trabalhavam parcialmente na capital, como o setor consular e jurídico, segurança e informação e a divisão de comunicação que foi responsável por disponibilizar rede de telex nacional e internacional.

O palácio teve sua primeira recepção oficial em honra ao príncipe herdeiro do Japão, príncipe Akihito, em 1967. Em 1968 houve uma recepção para a visita da rainha da Inglaterra, Elizabeth II. Em seguida, houve as posses dos presidentes dos anos 1974 a 1979.



Figura 7 - Vista geral das obras já finalizadas em julho de 1971

Fonte: Palácio Itamaraty: inventário de bens arquitetônicos, 2008.

Mais do que qualquer obra de Oscar Niemeyer, o Ministério das Relações Exteriores foi resultado de um extraordinário esforço colaborativo que mobilizou os melhores designers, arquitetos, artistas plásticos e paisagistas da época. Coordenados por Murtinho e pelo arquiteto Olavo Redig de Campos, esses profissionais tiveram a incumbência de representar o Brasil.

3.2 O design no Itamaraty

Como dito anteriormente, Murtinho e Redig de Campos mantiveram interlocução constante com Oscar Niemeyer para garantir que o projeto do novo Palácio e bloco administrativo atendessem

(a) às necessidades do Protocolo de Estado, (b) às particularidades da cultura institucional do MRE e, principalmente, (c) aos objetivos da política externa de projeção internacional do Brasil, construindo um espaço cerimonial que visasse à representação de um ideal de nação, em acelerado processo de modernização e de ascensão no cenário internacional (GRAFANEI, 2015, p.1).

A intenção do diplomata Murtinho e dos arquitetos Niemeyer e Redig de Campos era que, como um órgão de representação da diplomacia brasileira, o Palácio Itamaraty se mostrasse ao mundo totalmente brasileiro.

Assim, Murtinho foi responsável pela aquisição de obras de arte, de mobiliário e de objetos de design para o Palácio, formando um acervo representativo da produção artística e de design brasileiro desde o barroco até o contemporâneo. Sérgio Rodrigues, Aloísio Magalhães, Joaquim Tenreiro, Karl Heinz Bergmiller, Lívio Levi e Bernardo Figueiredo são alguns dos representantes. Artistas como Volpi, Mary Vieira, Athos Bulcão, Madeleine Colaço, Roberto Burle Marx e Alfredo Cheschiatti, são nomes presentes também.

Há, no Palácio Itamaraty em Brasília, peças originais de mobiliário produzidas especificamente para uso interno do Palácio: poltronas do Auditório Wladimir Murtinho produzidas por Hermann Müller; mesas, cadeiras, poltronas e sofás dos gabinetes do Ministro e embaixadores da Oca (Sérgio Rodrigues); inúmeros móveis de escritório, projetados por Bergmiller e produzidos pela Escriba; Cadeiras Arcos, projetadas por Bernardo Figueiredo, entre outros.

Ao chegarmos à recepção do Palácio (Bloco Representação), já nos deparamos com móveis projetados sob a égide dos princípios modernistas, contudo, logo em seguida, podemos visualizar peças trazidas da ex-sede do Itamaraty, no Rio de Janeiro, que denotam época do Brasil Imperial.

Assim, podemos aferir a presença de diversas peças que compõem diferentes épocas do Brasil (tanto obras de arte, como mobiliário) ao caminharmos pelos salões do Palácio. Os móveis ganham destaque dentro desse contraste entre antigo e moderno em ambientes que possuem marquesas e canapés ao lado de peças modernas de Sérgio Rodrigues e Bernardo Figueiredo, por exemplo (COSTA Jr, 2014, p.106).

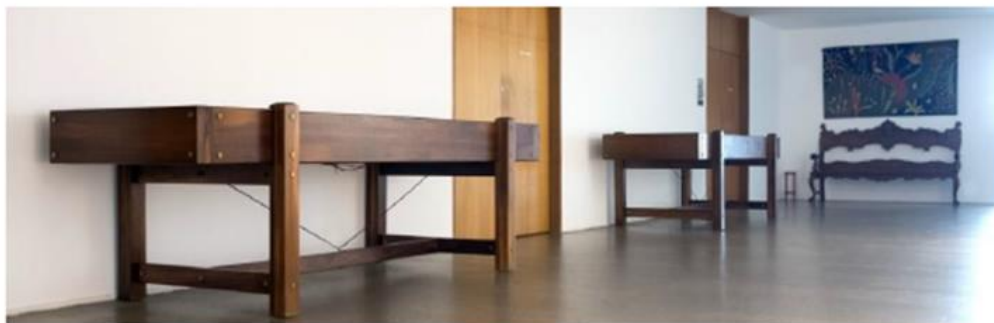


Figura 8 – Palácio Itamaraty. Saguão dos Gabinetes. Mesas Eleh, de Sérgio Rodrigues, 1965, e marquesa do século XIX. Fonte: Costa Jr, 2014, p. 106

Outro grande uso do design junto ao MRE foi a identidade visual desenhada por Aloísio Magalhães, um dos maiores designers gráficos brasileiro. À frente do Centro Nacional de Referência Cultural, Aloísio desenvolveu uma visão abrangente da cultura brasileira, que integrava artes, modos de vida e tecnologia, e que antecipou o conceito de patrimônio imaterial da UNESCO.

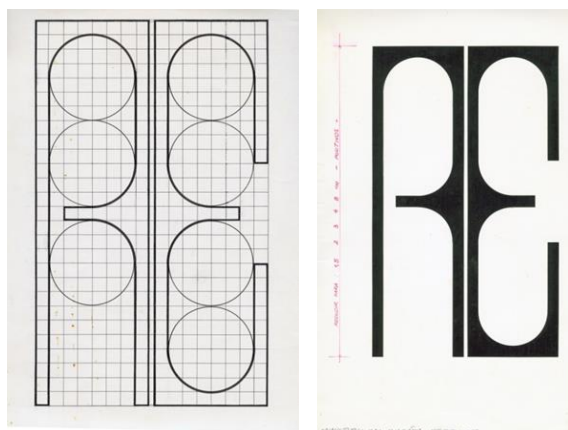


Figura 9 – Símbolo do MRE desenhado por Aloísio Magalhães, 1966

Fonte: Ministério das Relações Exteriores

3.3 O mobiliário nas funções da diplomacia brasileira

Como já explicitado no item anterior, o Itamaraty sempre investiu no design, na arquitetura e na arte como instrumentos da diplomacia. O Ministério das Relações Exteriores criou, em seus palácios sede, ambientes perfeitamente adaptados para desempenhar as três funções da diplomacia: informar, negociar e representar o Brasil.

Segundo texto explicativo da Exposição “Desenhando um Palácio” (ver em www.itamaraty.gov.br/pt-BR/desenhando-para-um-palacio), ocorrida em 2018, no Palácio Itamaraty em Brasília, as funções são:

Informar - Tem o objetivo de informar o governo brasileiro sobre tudo que possa interessar ao país. Os diplomatas, quando estão no exterior, acompanham a política e a economia local, analisam novas tecnologias e técnicas que venham a contribuir para o desenvolvimento social e econômico, e buscam a oportunidade de divulgação da cultura e dos produtos e serviços brasileiros. Estas informações são reunidas, organizadas e repassadas os para diversos setores, dentro ou fora do governo.

O design e a arquitetura sempre foram aliados importantes junto ao trabalho técnico de processamento das informações do Ministério. Desde 1926 até 1968, o Itamaraty encomendou peças de mobiliário de escritório especialmente adaptados às suas rotinas administrativas.



Figura 10 – Mobiliário vindo do Rio de Janeiro, 1930.

Foto: Equipe da pesquisa

Um dos sistemas de mobiliário de escritório adquiridos para o Itamaraty, já em Brasília, foi o do designer alemão Karl Heinz Bergmiller. Esse mobiliário tinha um princípio de produção simples e barato que consistia em estruturas fabricadas em um padrão de tubo de aço que eram aplicadas em diversos tampos de mesa e gaveteiros. Essa proposta “simples”, “barata”, contudo “eficiente”, mobiliou, e ainda mobília, boa parte dos escritórios internos do Anexo I.

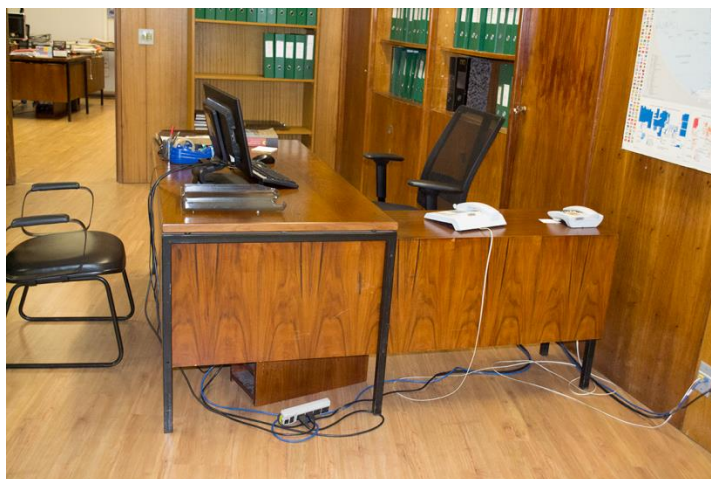


Figura 11 - Sistema de Mobiliário de Bergmiller em uso.

Foto: Equipe da pesquisa

Negociar - Negociar é a essência da atividade diplomática. Após um longo trabalho de levantamento e processamento de informação, os representantes diplomáticos se sentam à mesa para defender os interesses de seus países. Um exemplo de negociação diplomática foi o projeto coletivo que envolveu a diplomacia brasileira por cerca de 160 anos e que definiu as fronteiras do país. A arquitetura de interiores do Palácio Itamaraty faz algumas referências a essa importante função da diplomacia.

Na Sala dos Tratados há mobiliário específico para tal função. Sérgio Rodrigues, por exemplo, desenhou vitrines para expor documentos históricos. Tinha-se como costume da diplomacia, a cada visita de autoridade estrangeira, reunir antigos tratados e correspondências diplomáticas que rememoravam os principais momentos das relações diplomáticas entre o Brasil e o país do visitante.



Figura 12 - Vitrine de Sérgio Rodrigues 1958 que expõe documentos históricos

Foto: Equipe da pesquisa

Outro exemplo é a mesa em que os tratados são assinados. A “Mesa do Tratado” (assim denominada pela assinatura dos acordos com países estrangeiros) foi fabricada na França em 1850 e fazia parte da mobília original do Palácio do Itamaraty do Rio de Janeiro. Sobre ela foi assinado o Tratado de Petrópolis, uma das mais importantes negociações de fronteira realizadas pelo Barão do Rio Branco, na qual o Acre foi incorporado ao território brasileiro.



Figura 13- Mesa dos Tratados - 1850

Fonte: <https://blog.clippingcacd.com.br/cacd/palacio-itamaraty/>- foto de Edgard Cé sar

No Palácio Itamaraty de Brasília, a Sala dos Tratados, onde se encontra a mesa, uma das poucas peças antigas de grande significado histórico, está localizada no mezanino de frente para o Palácio da Justiça, e tendo como fundo, a treliça de Athos Bulcão.

Representar - Representar é um dos deveres dos diplomatas. Atividades de representação são cerimônias que marcam momentos importantes da vida diplomática e política, como a posse de um novo presidente, ou celebrar um acordo com um país amigo. Os palácios do Rio de Janeiro e de Brasília servem com eficiência para as atividades de representação, pois têm salões adaptados para diferentes formatos de cerimoniais, e por possuírem acervo de arte e design que mostra a riqueza e a variedade das artes e da manufatura brasileira.

Além das cerimônias oficiais, as atividades de representação incluem “criar situações” informais, nas quais os diplomatas podem discutir de forma livre assuntos da agenda diplomática, examinando novas ideias ou abordando francamente temas difíceis, longe do protocolo das mesas de negociação.

No Itamaraty, junto aos grandes espaços de recepção, existem dois pequenos salões, mais reservados: a sala Bahia (figura 14) e sala Rio de Janeiro (figura 16). Bernardo Figueiredo foi o designer que se ocupou em desenvolver mobiliário para esses espaços que tinham como objetivo criar um ambiente de convivência e que propiciasse conversas. Para a sala Bahia, Figueiredo projetou cadeiras com encosto e acento em palhinha, (figura 15) inspiração tirada de uma viagem para o Nordeste, e uma mesa elíptica com capacidade para 14 pessoas (esse mobiliário não faz parte da sala Bahia atualmente). Criou também, a famosa cadeira Arcos, (figura 17) inspirada nos traços de Niemeyer, que mais tarde seria usada na Sala Rio de Janeiro.



Figura 14 - Sala Bahia – Ambiente com mobiliário modificado – Autoria desconhecida

Foto: Equipe da pesquisa



Figura 15 – Cadeira Bahia -1965

Fonte: Ministério das Relações Exteriores



Figura 16 – Sala Rio de Janeiro com as cadeiras Arcos 1967, de Bernardo Figueiredo

Foto: Equipe da pesquisa



Figura 17 – Cadeiras Arcos 1967, de Bernardo Figueiredo

Foto: Equipe da pesquisa

4. Bergmiller e o Palácio Itamaraty

Neste capítulo será demonstrado o envolvimento de Karl Heinz Bergmiller junto ao Brasil desenvolvimentista, assim como um breve levantamento sobre sua trajetória profissional até chegar ao projeto do mobiliário para o Palácio Itamaraty.

Será demonstrado também, o levantamento do mobiliário de escritório projetado por Bergmiller e produzido pelo Escriba junto aos blocos de representação e de administração do Palácio Itamaraty.

4.1 Trajetória

Formado pela Escola de Ulm, Bergmiller foi um dos precursores do Desenho Industrial Moderno instalado no Brasil na década de 1960, trazendo para o país a visão técnico-produtiva e funcionalista tão divulgada junto a determinados centros europeus.

Karl Heinz Bergmiller nasceu em 1928, na cidade de Bad Tölz, e estudou desenho industrial na Hochschule Für Gestaltung (Escola Superior da Forma) em Ulm, Alemanha. Estimulado pelas informações sobre o Brasil desenvolvimentista que teve de colegas como Alexandre Wollner e Almir Mavignier, e do professor Max Bill, primeiro diretor da Escola de Ulm, se interessou pelo país, já que a Alemanha estava passando pelo período de pós-guerra.

Para Bergmiller, o Brasil era uma possibilidade, e emigrar era o desejo. O alemão não teve contato com a arte, foi a experiência com a tecnologia e a indústria em sua cidade natal que o fez frequentar o curso de Design Industrial na escola que se intitulava a herdeira da Bauhaus (PERROTA, 2016).

Foi na Escola de Ulm que Bergmiller teve contato com alguns brasileiros renomados: Alexandre Wollner, Almir Mavignier, Mary Vieira e as irmãs Frauke e Elke Koch-Weser, entre outros.

Em seu regresso ao Brasil, Alexandre Wollner, inicia uma sociedade com Ruben Martins, Geraldo de Barros e Walter Macedo e fundam a Forminform, em 1958. A

empresa foi criada para exercer as duas áreas do design: Desenho Industrial e Comunicação Visual, áreas que Wollner aprendeu em Ulm.

Em fins do ano de 1958 e início de 1959, o então amigo e colega de profissão, Alexandre Wollner conseguiu uma bolsa de estudos do governo brasileiro (cedida pelo Ministério das Relações Exteriores) para que pudesse trazer Bergmiller para o Brasil. Assim, por intermédio de Wollner, Bergmiller iniciou sua colaboração na Forminform (SABO, 2011, p.32).

Ao ingressar na Forminform, Bergmiller assumiu o compromisso de fechar uma lacuna na equipe do escritório: o desenvolvimento de produtos industriais (SABO, 2011, p.34).



Figura 18 - Bergmiller em escritório. Fonte: Sabo (2011, p.35)

Outros colaboradores também fizeram parte da empresa: Décio Pignatari, Ludovico Martino e German Lorca. Por causa de divergências profissionais, Barros e Wollner terminaram a sociedade. Contudo, Bergmiller colaborou/trabalhou na empresa entre 1958 a 1959, e continuou participando de vários projetos juntamente com Ruben Martins. Um deles foi a primeira série de sofás-camas, pela qual Bergmiller ficou encarregado de supervisionar a fabricação (SABO, 2011, p.34).



Figura 19 - Projeto sofá-cama. Ruben Martins, Bergmiller e Guedes.

Fonte: Sabo (2011, p.36)

Bergmiller se mudou para Rio de Janeiro em 1959 e se envolveu na estruturação da ESDI, Escola Superior de Desenho Industrial, ao lado de Alexandre Wollner, Aloísio Magalhães e Goebel Weyne, em 1963. A proposta pedagógica da ESDI seguia uma orientação técnico-produtiva e funcionalista, tendo por referência conceitos formais de Max Bill por intermédio da atuação de Bergmiller. O objetivo da escola era formar profissionais para a sociedade e o para desenvolvimento industrial do país. Na ESDI, Bergmiller se ocupou com as áreas pedagógicas e de pesquisa aplicada, e lecionou até 1980. (KARL HEINZ BERGMILLER- 2017- ESDI)

Em paralelo à ESDI, Bergmiller atuou no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, onde estruturou o IDI, Instituto de Desenho Industrial, em parceria com Goebel e coordenado pelos mesmos, em 1967. Em seguida, se juntaram à dupla, Pedro Luiz Pereira da Souza e Silvia Steimberg, ex-alunos da ESDI. O Instituto nasceu em 1968 e, segundo Perrotta (2016, p.352), foi “praticamente um laboratório avançado da ESDI, posto que colocava em prática os preceitos ensinados na escola, além de divulgar didaticamente a profissão. Foi um celeiro da metodologia ulmiana”. O museu sediou a primeira Bienal Internacional de Design, com a mostra intitulada Desenho Industrial 68 Bienal Internacional do Rio de Janeiro, que foi organizada pelo Ministério das Relações Exteriores, pelo Museu de Arte Moderna, pela ESDI, pela Associação Brasileira de Desenho Industrial – ABDI, pela Fundação Bienal de São Paulo e pela Confederação Nacional da Indústria (TEDESCO BERTASO, 2010).

A bienal trouxe uma seleção de três países (Estados Unidos, Canadá e Grã-Bretanha), apresentou dez trabalhos de designers brasileiros, e também os projetos dos alunos da ESDI. Destacou-se na mostra da escola “O Banquete do Consumo” que criticava o design orientado para o acúmulo de *gadgets* e a reprodução de um pensamento projetual importado, em uma desvinculação às condições sociais do Brasil na época (COSSIO & SCHIAVONI, 2016).

Após a realização da Bienal Internacional de Design, Bergmiller foi convidado por Maurício Roberto, diretor do MAM e primeiro diretor da ESDI, a projetar o sistema expositivo do museu e planejar a montagem das exposições que aconteceriam ali. Por este fato o IDI ficou encarregado pela montagem das bienais internacionais que ocorreram em 1970 e 1972. (COSSIO & SCHIAVONI, 2016)

Sob supervisão de Bergmiller, o IDI desenvolveu trabalhos em quatro áreas: desenvolvimento de projeto, exposições, informações e consultorias. Os projetos normativos mais importantes foram o “Manual para planejamento de embalagens” (figura 20), e o “Móvel Escolar” (figura 21), e também as bienais de design de 1970 e 1972.



Figura 20 - Manual para planejamento de embalagens

Fonte: www.skoob.com.br/livro/209036#_=_



Figura 21 – Cadeira do aluno, Móvel Escolar, 1999

Fonte: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002628.pdf

Juntamente com o MAM, Bergmiller, em 1967, iniciou uma parceria com a empresa Escriba, fundada em meados dos anos de 1960. Dedicada à fabricação de móveis de escritório, a Escriba aplicou nos móveis características funcionais de uso e simplicidade de produção, tentando situá-los em um padrão que fosse contemporâneo para época (CATÁLOGO ESCRIBA, década de 1970).

Em entrevista sobre a Escriba e Bergmiller, Freddy Van Camp, designer, ex-aluno, ex-diretor da ESDI, e ex-estagiário da Escriba, relata:

De fato, trabalhei com Bergmiller na Escriba por um curto espaço de tempo como estagiário. A empresa sempre foi um exemplo de utilização do design. Antes, durante e depois da gestão do Bergmiller no departamento de design, fora este período inicial que detalhei e implantei os primeiros projetos do Bergmiller para a empresa, acompanhei sempre de longe a atuação deles. Vários ex-alunos meus trabalharam lá sempre sob o comando dele (Entrevista concedida à autora em Janeiro de 2018).

Bergmiller atuou na Escriba até meados do ano de 1999. Lá, desenvolveu, prioritariamente, linhas de móveis de escritório como mesas, prateleiras, armários, cadeiras e sofás.

Atualmente Bergmiller mora no Rio de Janeiro. Foi escolhido homenageado do ano no Hall da Fama do Brasil Design Awards 2016, organizado pelo Centro Brasil Design e pela ABEDESIGN (Associação Brasileira das Empresas de Design). Em 2017 recebeu homenagem da ESDI por ter sido um dos fundadores da escola e também a condecoração da “Ordem do Rio Branco”, concedida pelo Itamaraty.

Linha do Tempo de Karl Heinz Bergmiller

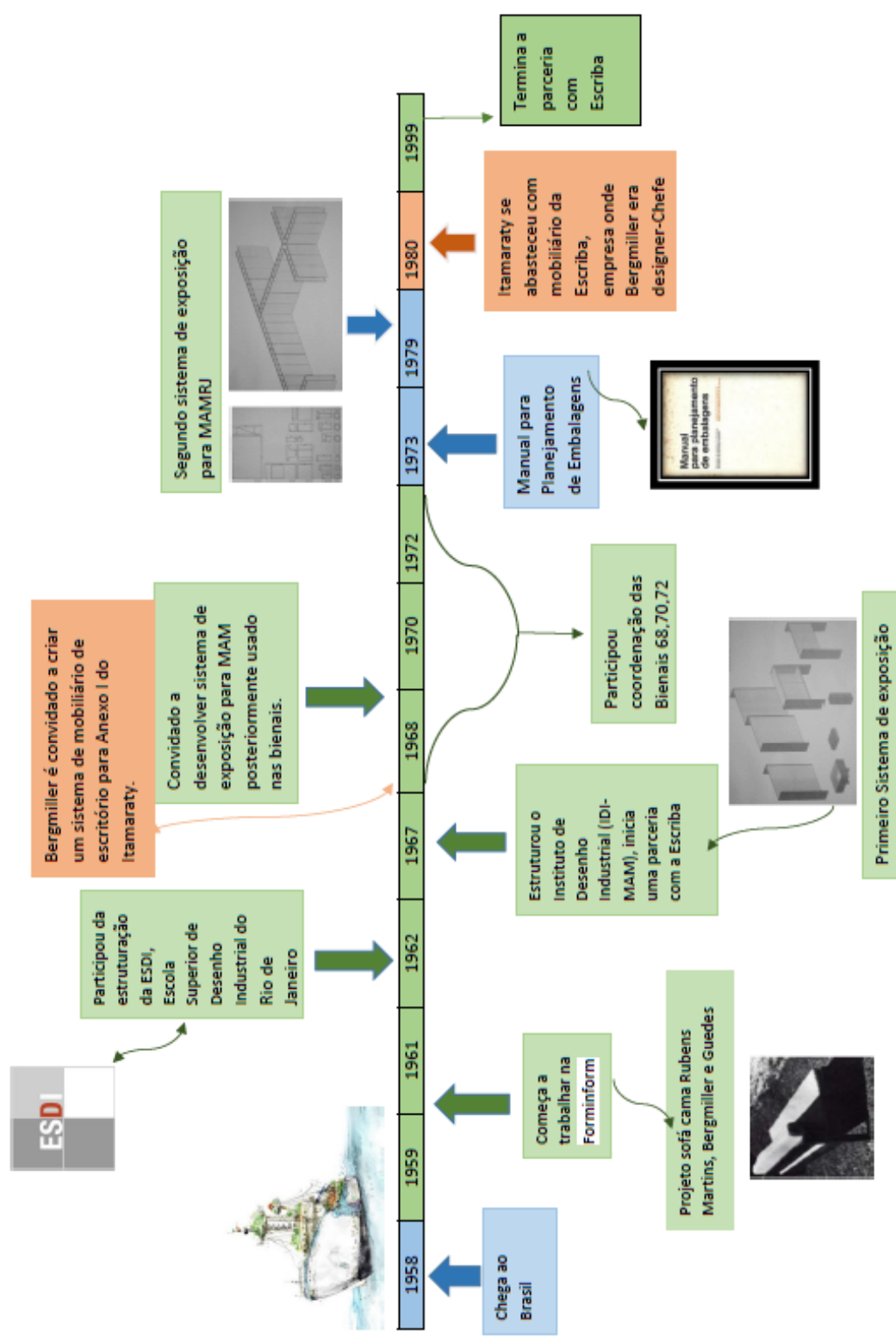


Figura 22- Linha do tempo de Karl Heinz Bergmiller

4.2 Bergmiller no Itamaraty

Após sua chegada ao Brasil no fim dos anos de 1950, Bergmiller solicitou uma visita à construção de Brasília. Para ele, o que mais chamava atenção acerca do Brasil desenvolvimentista de JK era justamente a constituição monumental da nova capital, que se tornou possível graças à proposta de um rápido processo de industrialização e modernização que apostava num futuro de progresso, à criação de novas empresas e instituições, e muito investimento financeiro.

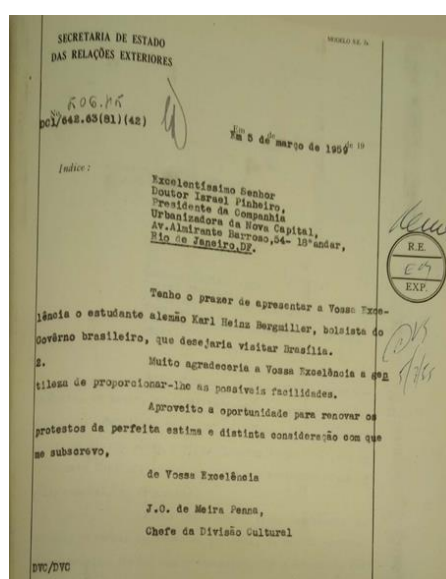


Figura 23- Telegrama que solicita visita de Bergmiller à Brasília 1959

Fonte: MRE Foto: da autora

Surgiram edificações das mais variadas funções: prédios administrativos, blocos habitacionais, comércio, praças, escolas, uma universidade, hotéis, entre outros. Para tal incumbência, profissionais foram convocados para criar móveis e ambientações únicas. Assim, como dito anteriormente, Bergmiller, juntamente com Sérgio Rodrigues e Bernardo Figueiredo, foi chamado para desenvolver o mobiliário dos blocos representativo e administrativo do Palácio do Itamaraty.

Como mobiliário de representação, no ambiente palaciano, Bergmiller projetou uma mesa que pudesse ser utilizada quando ultrapassasse o limite de convidados no salão de Banquetes em eventos e comemorações e tivessem que avançar para o terraço do Palácio.

Para o bloco administrativo, do qual é grande protagonista, projetou mesas de escritório e de apoio com especificidades funcionais dentro dos conceitos de padrão, tão difundidos à época. Alguns desenhos dos móveis de Bergmiller ainda se encontram conservados no SARQ (Departamento de Arquitetura e Engenharia do Palácio Itamaraty), e as linhas mais predominantes são a “F” e a “M”, que foram desenvolvidas pelo designer já na empresa Escriba.

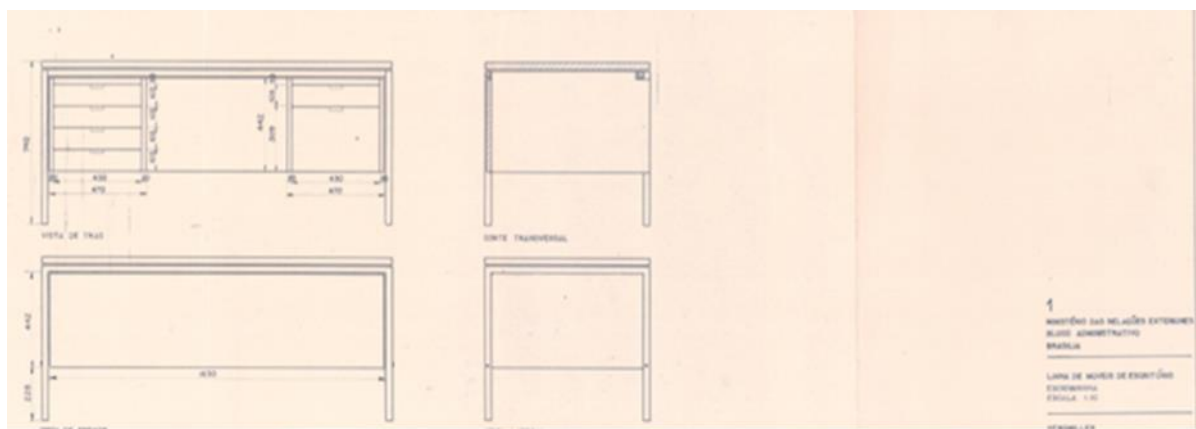


Figura 24 - Desenho técnico da Escrivadinha de Escritório

Fonte: Ministério das Relações Exteriores

Em todo o decorrer da pesquisa de levantamento do mobiliário de Bergmiller foram encontrados vários móveis projetados pelo designer. As escrivaninhas, assim como as mesas de datilografia e os carrinhos volantes são os mais frequentes e ainda em uso.

Foram percorridos e “vistoriados” inúmeros ambientes dos blocos de representação e de administração (Anexo I e Anexo II) como salas, auditórios, depósitos, salas auxiliares, copa e cozinha, entre outros. Ao todo, três andares do bloco de representação; nove andares do bloco administrativo, Anexo I; e um andar do Anexo II.

No Anexo II, conhecido com Bolo de Noiva, no DMR (Departamento de Mecanismos Inter-Regionais) e no DEC (Departamento Econômico) foram encontrados carrinhos volantes, mesas de datilografia e mesas auxiliares da marca Escriba:



Figura 25 - Escrivaninha e mesa de datilografia

Foto: Equipe da pesquisa

Já no bloco representativo, na sala da AIG (Assessoria de Imprensa do Gabinete) e no segundo andar, na sala SGAP 1 (Subsecretaria - Geral de Política 1) outras escrivaninhas:



Figura 26 – Escrivaninhas em uso Foto: Equipe da pesquisa

No Anexo I (bloco administrativo) foram observados na sala 224 da SGEF (Subsecretaria-Geral de Assuntos Econômicos e Financeiros), móveis como carrinho volante pequeno, carrinho volante grande, mesa auxiliar, mesa de centro (catálogo escriba MC1) e mesa auxiliar da Linha A. Na sala 227 da SGALC (Subsecretaria-Geral da América Latina e do Caribe), duas escrivaninhas da Linha F com um gaveteiro, carrinho volante e móvel de apoio.

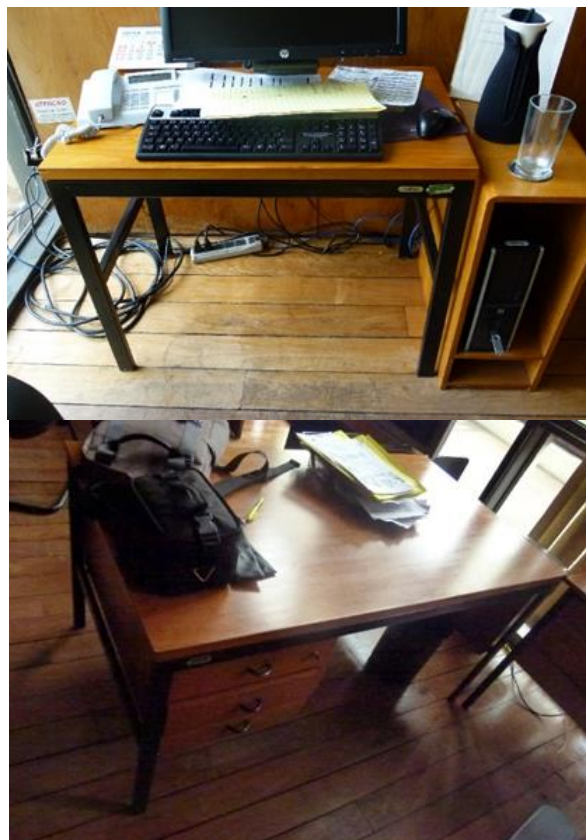


Figura 27- Mesa auxiliar e Escrivaninhas com gaveteiro

Foto: Equipe da pesquisa



Figura 28 – Etiqueta da Escriba ainda presente sob os móveis

Foto: Equipe da pesquisa

4.3 Linha de Móveis: Bergmiller e Escriba

Como já mencionado e ilustrado, vários foram os tipos de móveis de escritório que Bergmiller projetou para o Palácio Itamaraty, em Brasília.

É certo também que esses projetos seguiram uma proposta funcionalista, muito difundida pela escola de Ulm, posteriormente pela ESDI, haja vista que Bergmiller foi grande expoente desse pensamento.

Todos os móveis foram projetados em virtude de algumas prerrogativas funcionais (móveis de escritório e toda a sua gama de sub-funcionalidades de uso) e de fabricação.

Pode-se averiguar que, em todas as peças encontradas, há o princípio de “padrão” para fabricação. A maioria dos móveis possui uma estrutura fixa básica: tubo de aço de seção retangular pintado de preto e peças padronizadas em madeira laminada. Essa estrutura basilar projetada por Bergmiller se tornou marca registrada dos conceitos funcionalistas utilizados para a industrialização dos produtos da Escriba, representante de todo um pressuposto modernista voltado à autonomia do objeto enquanto sua função de uso.

4.3.1 “Sistema Bergmiller” para o Itamaraty

A estrutura basilar composta de tubo de aço de seção retangular fixada em peças padronizadas em madeira foi desenvolvida como sistema de mobiliário de escritório específico para o Anexo I do Palácio Itamaraty. A partir desse padrão é que se instituiu toda uma linha de mobiliário de escritório que compôs o catálogo da Escriba e que mobiliou também o Itamaraty. Nos arquivos do Palácio ainda há cópias de alguns desenhos técnicos deste mobiliário.

A seguir, as peças projetadas por Bergmiller: mesa de máquina e móvel de apoio; e escrivaninha e escrivaninha em L, com os desenhos técnicos assinados pelo designer datados de 1968.



Figura 29 - Mesa de Máquina e mesa de apoio

Fonte: MRE- Foto: Equipe da pesquisa

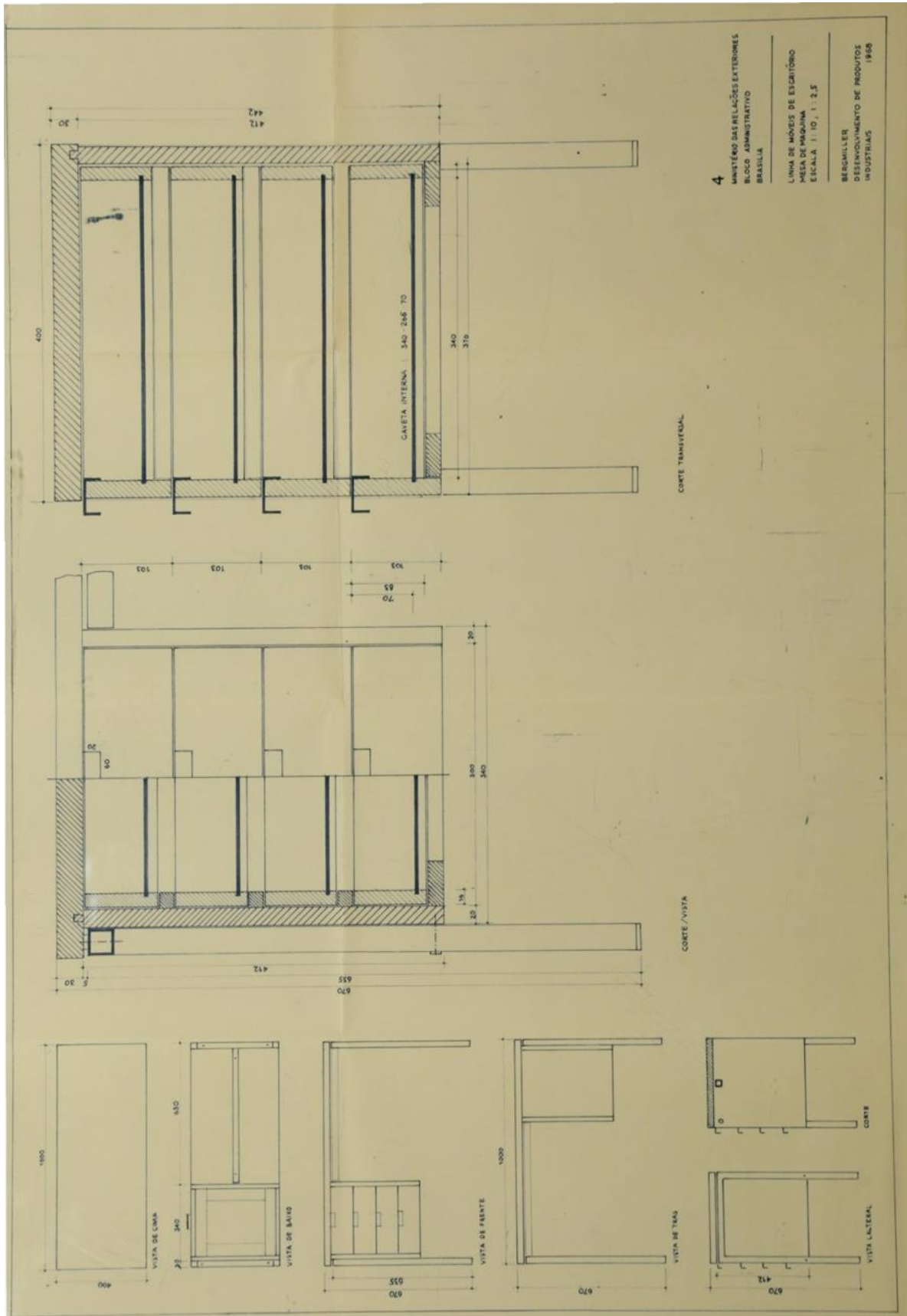


Figura 30 - Desenho Técnico Mesa de Máquina

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

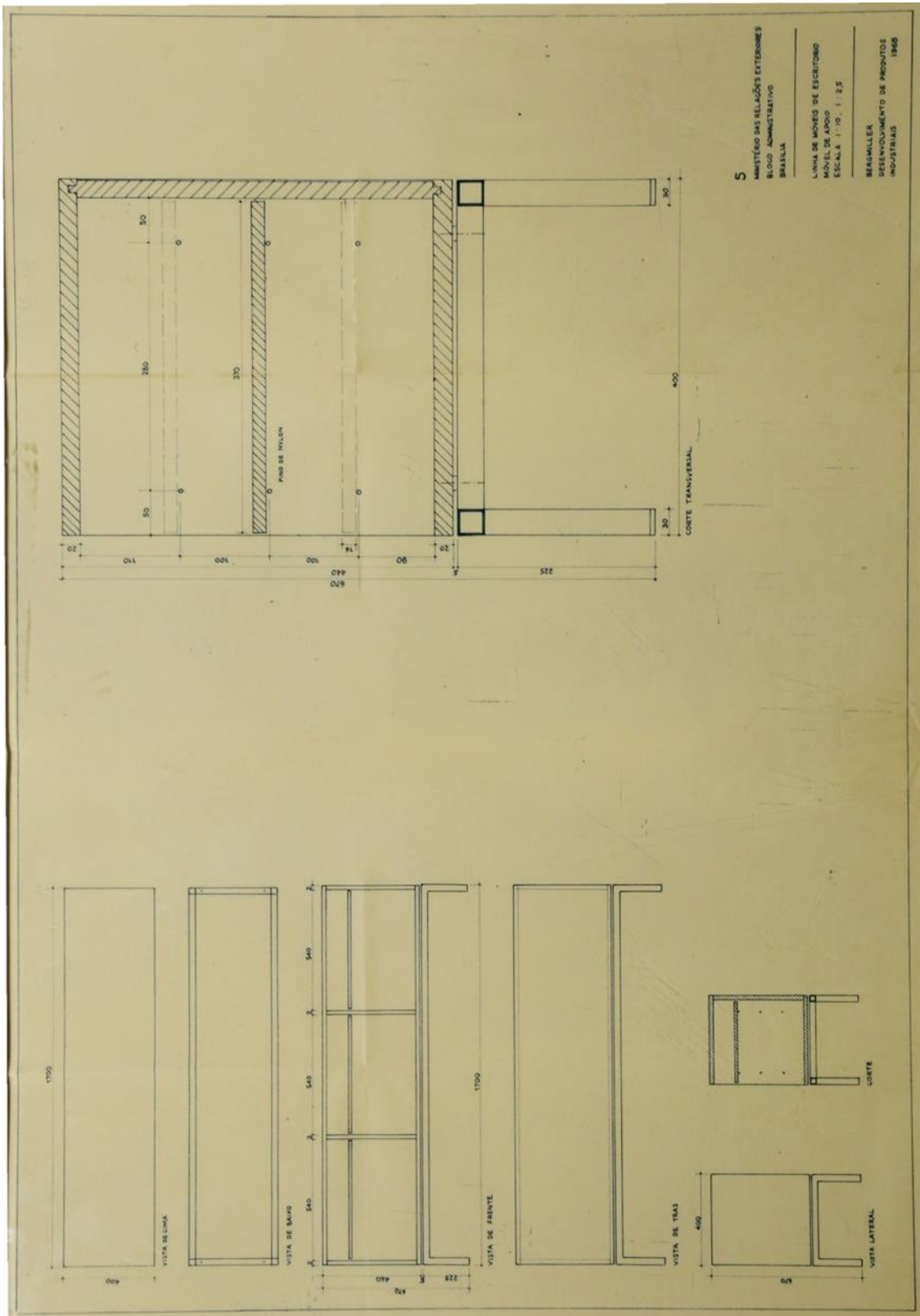


Figura 31 - Desenho técnico do móvel de apoio

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

Escrivaninhas com quatro gavetas no lado direito, e uma gaveta e um gavetão no lado esquerdo. Escrivaninha em L com uma gaveta e um gavetão, e na outra mesa mais quatro gavetas. As dimensões são detalhadas no desenho técnico.



Figura 32 – Escrivaninha com gavetas e escrivaninha em L

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa



Figura 33 -Desenho técnico de Escrivaninha com gavetas

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

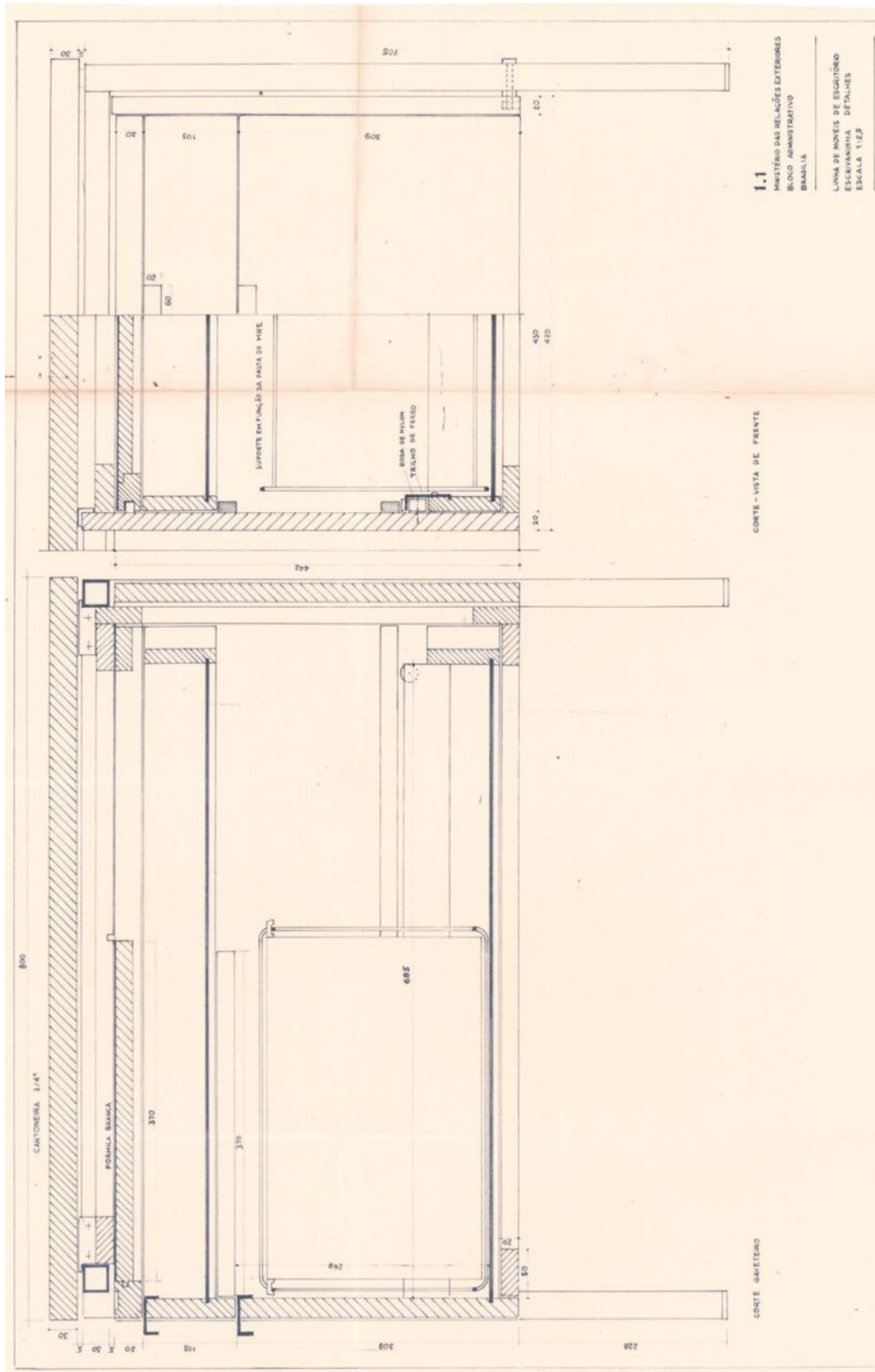


Figura 34 – Detalhe do DT da Escrivaninha com gavetas

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

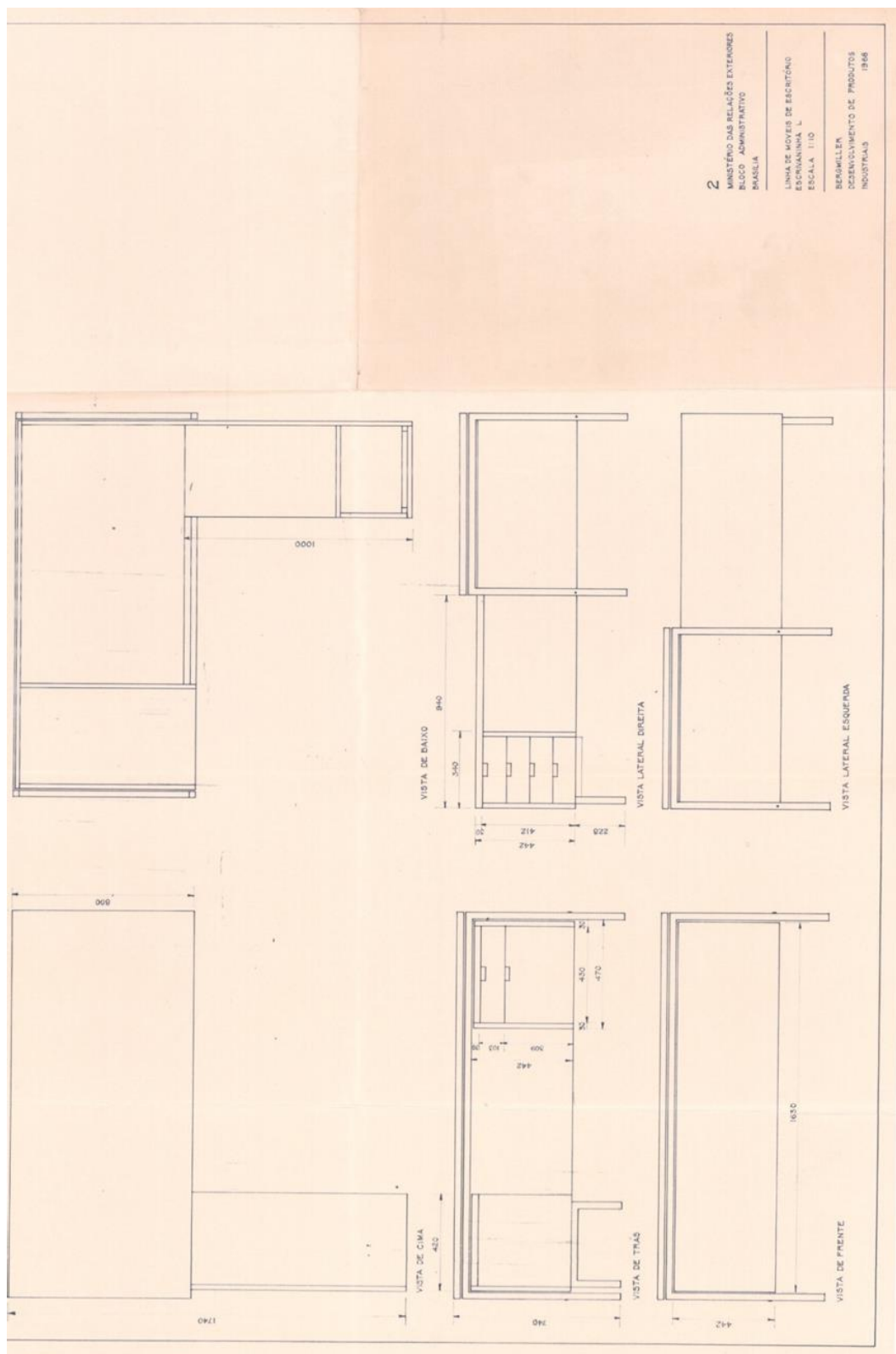


Figura 35 - Desenho técnico da Escrivaninha em L

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

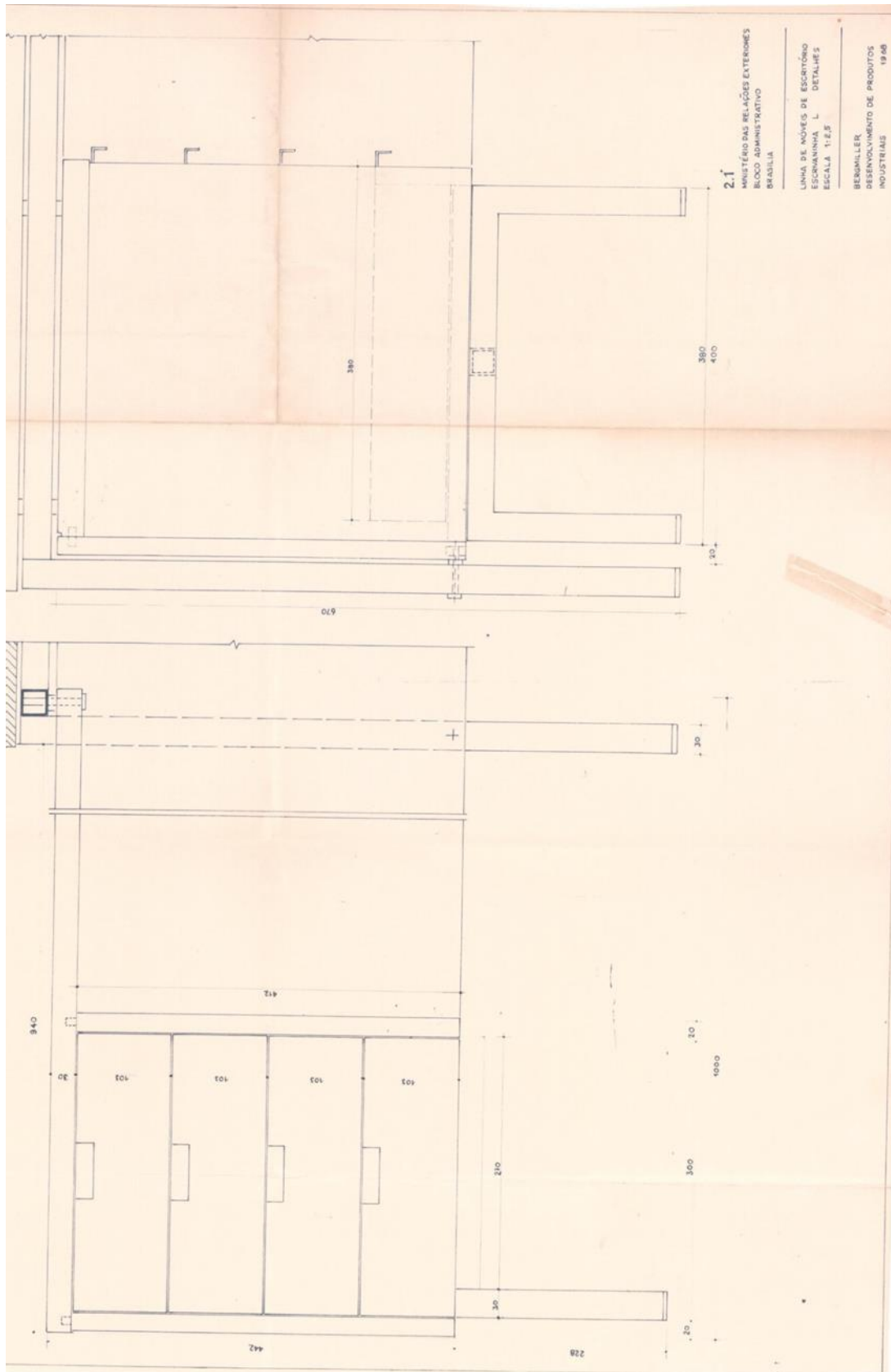


Figura 36 – Detalhamento e DT da Escrivania em L

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

4.3.2 Linha F

Como dissemos no item anterior, os primeiros projetos foram realizados por Bergmiller especialmente para o Itamaraty. A partir daquele padrão, foram instituídas linhas de mobiliário pela Escriba, empresa da qual Bergmiller foi diretor de projeto, tendo como base o projeto anterior.

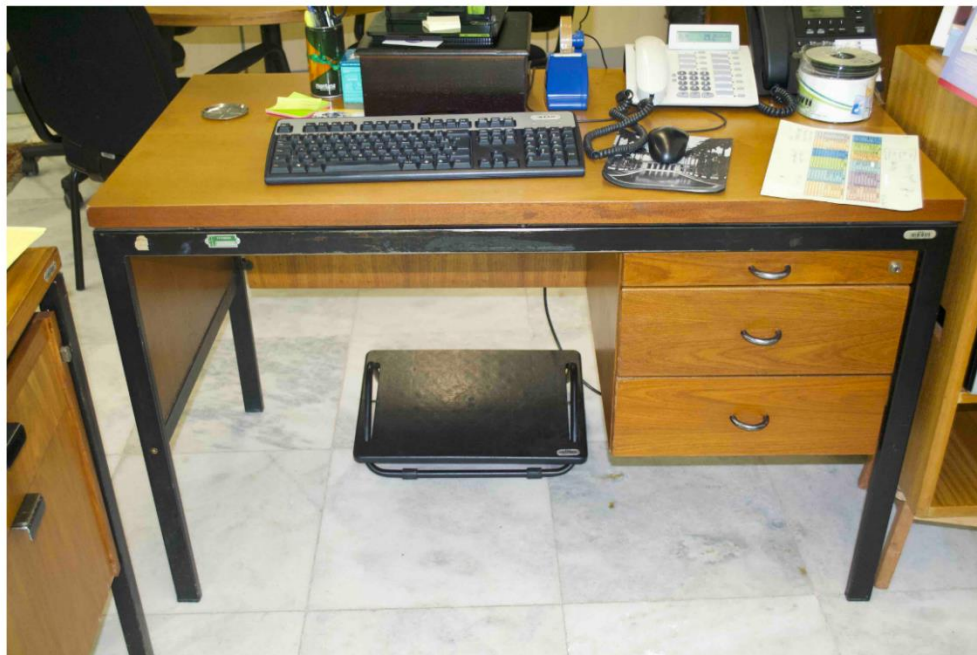
Algumas alterações foram realizadas, como inserção de novos dimensionamentos, troca de acessórios (puxadores) e padrão dos laminados em madeira:

Cada modelo apresentado é em várias medidas, que permite variações nos arranjos e futuras complementações. A estrutura é em aço tubular pintada de 20x 40 milímetros nas cores laranja ou preto, com folheação em louro claro ou escuro com acabamento em verniz semi-fosco (CATÁLOGO ESCRIBA, década de 1970).

4.3.2.1 Escrivaninhas

A escrivaninha (1) apresentada a seguir tem dimensionamento de 75 cm (A) x 140 cm (L) x 60 cm (P), com gaveteiro com três gavetas à esquerda, com 55 cm (P). A escrivaninha (2) possui 75 cm (A) x 180 cm (L) x 80 cm (P), gaveteiro dos dois lados sendo um com três gavetas e outro com uma gaveta com chave, e um gavetão para pasta suspensas.

Escrivaninha 1 Linha F



Escrivaninha 2 Linha F



Figura 37 – Escrivaninha Linha F com gavetas

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

4.3.2.2 Carrinhos volantes e mesa de centro

Carrinho volante pequeno com 64 cm (A) x 51cm (L) x 36 cm (P). Carrinho volante grande com 68 cm (A) x 50 cm (L) x 45 cm (P) (código MT no catálogo da Escriba). Ambos possuem rodinhas para facilitar mobilidade das peças nos ambientes de trabalho. Mesa de centro retangular baixa com estrutura de aço pitado de preto e tampo em madeira laminada com 35 cm (A) x 85cm (L) x35cm (P).



Figura 38 – Carrinhos volantes e mesa de centro Linha F

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

4.3.2.3 Mesa de datilografia e mesa auxiliar

Mesa de datilografia possui estrutura padrão da Linha F. Pode variar de modelo e agregar painel lateral e gaveta lateral; ou apenas gavetas sem o painel lateral. Dimensões 50cm (A) x 40cm (L) x 60 cm (P) Mesa auxiliar em modelos sem ou com prateleira, dimensões com 67cm (A) x 80cm (L) x 49cm (P).

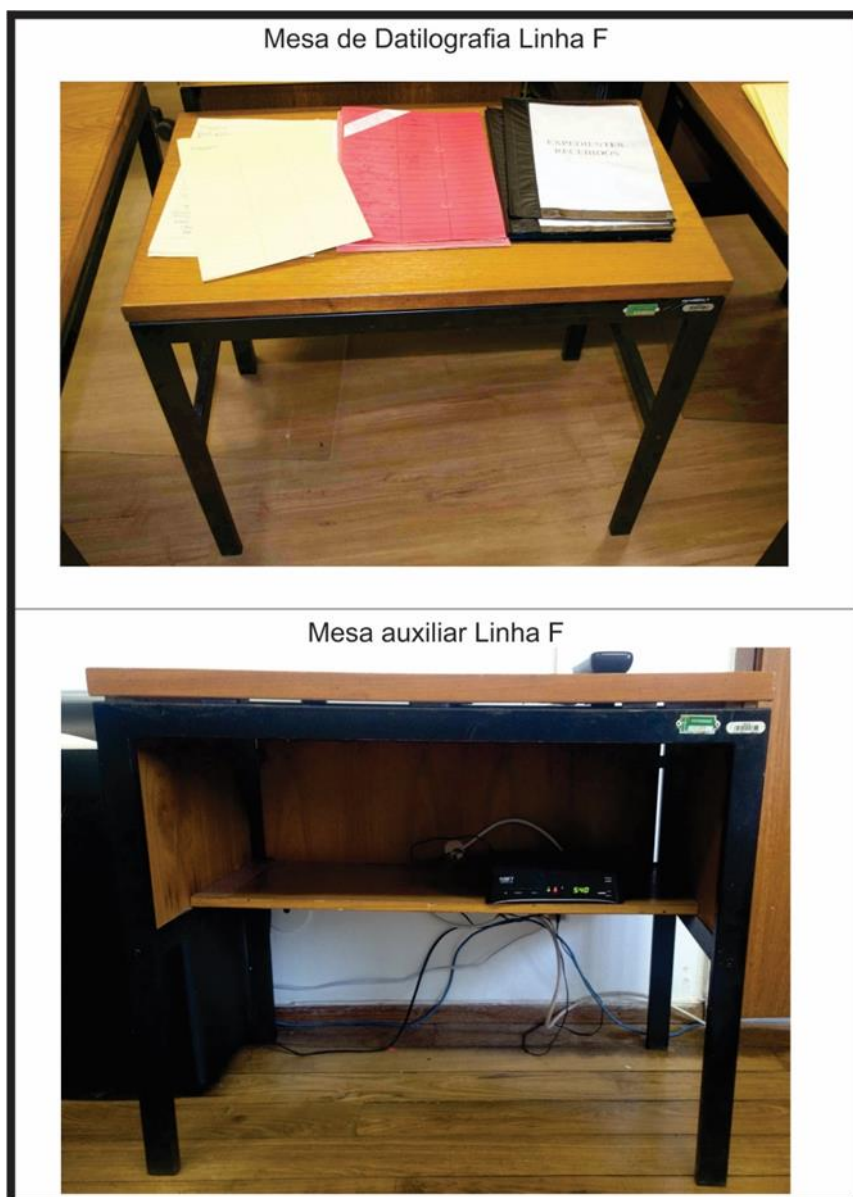


Figura 39 – Mesa de datilografia e mesa auxiliar Linha F

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

4.3.3 Linha A

A maior característica da Linha A foi a substituição do material da base tubular. O aço esmaltado em preto foi substituído por alumínio anodizado. Contudo, a estrutura em madeira (tampos, gaveteiros, prateleiras) continuou fazendo parte da Linha F e Linha A. “Estrutura tubular em alumínio anodizado natural com diversos tamanhos de tampos...” (CATÁLOGO ESCRIBA, década de 1970)



Figura 40 – Mesa de datilografia e mesa auxiliar - Linha A

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

4.3.4 Linha M

A característica da linha M vem também pela estrutura. Nessa linha, a estrutura metálica presente nas linhas anteriores é substituída por madeira maciça. Contudo, as estruturas em madeira (gavetas, tampos, painéis laterais) continuaram seguindo o padrão inicial.

Mesa auxiliar quadrada com 53cm (A) x 70 cm (L) x 70 cm (P). Mesa com três gavetas e um gavetão grande com chaves, puxador arredondado, com 75cm (A) x 160cm (L) x 85,5 cm (P).

Estrutura em madeira maciça. Pode ser encontrada com tampos revestidos em freijó ou louro escuro encaixados em madeira maciça, gaveteiros com duas ou três gavetas e gavetões para pastas suspensas. (CATÁLOGO ESCRIBA, década de 1970)



Figura 41 – Mesa auxiliar e mesa com gavetas Linha M

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

4.3.5 Linha MC

Mesa de centro com 35cm (A) x56cm (P) x56cm (L). Esta mesa de centro, catalogada pela Escriba como MC1, foi adquirida pelo MRE em 1976 conforme etiqueta da empresa fixada no móvel. MC3 Mesa de centro dimensões 35cm (A) 112cm (P) x 68cm (L).



Figura 42– Mesa de centro Linha MC1

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa



Figura 43 – Etiqueta da Escriba -1976 Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa



Figura 44 – Mesa de centro Linha MC3

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

4.3.6 Linha S

Para esta linha, Bergmiller, como marca Escriba, desenvolveu peças para a função de descanso, como poltronas e sofás. Nelas, a estrutura tubular é fabricada em aço cromado com estofamento em couro (a peça encontrada no Itamaraty sofreu alteração no estofamento). A poltrona é classificada com o código S1 no catálogo Escriba e foi desenvolvida em 1970. Já o sofá de 3 lugares, também estofado em couro e pés em aço cromado, recebe o código S3.



Figura 45– Poltrona de um lugar - Linha S1

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

Sofá de três Lugares



Catálogo Escriba

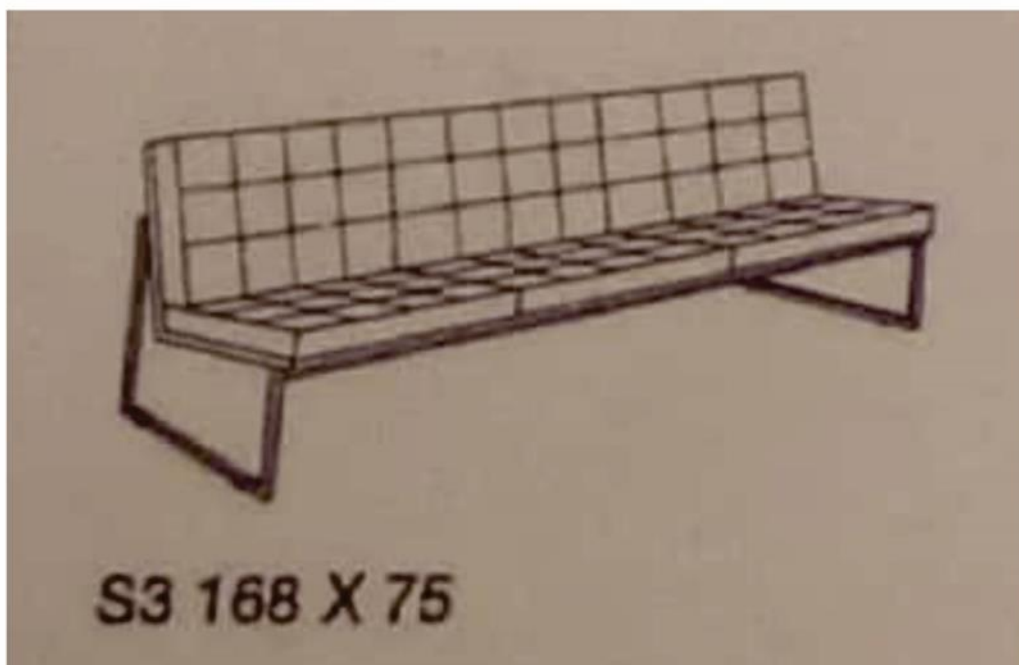


Figura 46 – Sofá três lugares - Linha S3

Fonte: MRE - Foto: Equipe da pesquisa

CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho mostramos a importância da contribuição do designer Karl Heinz Bergmiller para o desenvolvimento da indústria moveleira e do design no Brasil. Como designer, Bergmiller ajudou a implementar a primeira escola de Desenho Industrial, a ESDI, e o IDI, instituições essas que se confundem com a própria história do design no Brasil.

Demonstramos também a contribuição ímpar que a transferência do Palácio Itamaraty para Brasília teve na difusão e concretização do design no Brasil.

Com a pesquisa de Iniciação Científica, no Laboratório de Desenvolvimento em Design, Depto de Design/UnB, juntamente com uma equipe de pesquisadores, obtivemos descobertas até então não registradas na historiografia do design brasileiro: Bergmiller desenvolveu mobiliário específico para o Palácio Itamaraty de Brasília.

Com um ano e meio de pesquisa, identificamos cinco modelos/linhas, contudo há ainda algumas peças a serem identificadas. O mobiliário de escritório encontrado foi desenvolvido para os Anexos I e II, onde ocorrem as funções administrativas do MRE. Nesta busca, localizamos no Departamento de Engenharia, pranchas de desenhos técnicos de Bergmiller que comprovam que tais linhas foram desenvolvidas exclusivamente para as necessidades do MRE.

A participação de Bergmiller no Itamaraty foi demonstrada ao longo do trabalho, dissolvidos no período que estava na empresa Escriba, ou mesmo antes de sua parceira. Assim, fica clara a contribuição do designer para o desenvolvimento do design no país e permanecerá na história como o profissional que impulsionou a profissão no Brasil.

Por isso, acreditamos que o Palácio do Itamaraty pode ser considerado hoje, como um grande museu onde se encontram peças que contam a história do mobiliário brasileiro, desde o período colonial, passando pela pré-industrialização, pós-industrialização até os dias de hoje.

Isso não é só importante apenas como registro, mas para que as novas gerações conheçam e saibam que parte da história do design brasileiro está aqui na capital do Brasil e que permaneceu por estes longos anos.

Por fim, esta pesquisa está em fase de organização documental e elaboração de relatório final e será criado um formulário de catalogação histórico-patrimonial contendo informações importantes sobre as peças encontradas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. V. **Jorge Zalszupin contribuições para o design do móvel moderno Brasileiro (1959-2008)** - Dissertação de mestrado-São Paulo - 2017. 211p.

BAYEUX, G. **O móvel da casa brasileira**. São Paulo: Ed. Museu da Casa Brasileira, 1997.

COSTA, J, J.A. **Arquitetos- Designers: o mobiliário moderno da Universidade de Brasília**. 2014. 215f.Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, 2014.

COSSIO, G.; SCHIAVONI, A. **As exposições do IAC/MASP (1951-1953) e do IDI/MAM-RJ (1968-1978): institucionalização do design e industrialização-** Artigo, História Unicap, v. 3, n. 6, jul. /Dez. De 2016.

GRANAFEI, H. **Palácio Itamaraty 50 anos-** Brasília. 2015. (texto não publicado)

GORINI, A. P. F. **Indústria de móveis no Brasil**. Curitiba: Alternativa, 2000.80p

MARI, M.; CALHEIROS, A. **Mobiliário Moderno: das pequenas fábricas ao projeto**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014. 250p

MAYNARDES A. C. **A Dimensão Emocional no Design do Móvel Brasileiro**,2015. 243 f., il. Tese (Doutorado) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

MURTINHO, W. A. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 43p

Palácio Itamaraty Brasília: Brasília, Rio de Janeiro. São Paulo: Banco Safra, 2002.

Palácio do Itamaraty: inventário de bens arquitetônicos. Brasília: IPHAN,2008

PERROTTA, I. **IDI/ Bergmiller/ Goebel – Uma Escola de Design: ou um Laboratório Avançado da ESDI**. 2016.10f Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design- Belo Horizonte, 2016.

ROSSETTI, E. P. **Arquitetura de Brasília- Brasília**: Instituto Terceiro Setor, 2012. 177p.

ROSSETTI, E. P. **A arquitetura do Palácio Itamaraty (1959-1970)**. Portal de Arquitetura Vitruvius, 2009.

_____. **Arquiteturas de Brasília**. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012.

SABO, A.L. **Rubens Martins: trajetória e análise da marca rede de hotéis tropical**. Dissertação Mestrado- FAUUSP. São Paulo 2011. 290p.

SANTOS, M. C. L. **Móvel Moderno no Brasil**. São Paulo: Edusp -Editora da Universidade de São Paulo, 1995. 194 p

SANTI, M. A. **Mobiliário no Brasil: origens da produção e da industrialização**- São Paulo: Editora Senac- São Paulo,2013. 351p

SANTOS, M. C. L.; SAKURAI, T. **Móvel Moderno Brasileiro- São Paulo: Olhares**, 2017.480p.

TEDESCO BERTASO, M. S.; BRAGA, M. C. **Sistemas expositivos projetados por Bergmiller. - O caso do MAM RJ**. 2010. 13f Artigo P&D Design São Paulo, 2010.

Sites acessados

ESCOLA Superior de Desenho Industrial (ESDI). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao280406/escola-superior-de-desenho-industrial-rio-de-janeiro-rj>>. Verbete da Enciclopédia. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.

FORMINFORM. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao481678/forminform>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018. Verbete da Enciclopédia.

Karl Heinz Bergmiller. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa492550/karl-heinz-bergmiller>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018. Verbete da Enciclopédia.

KARL HEINZ BERGMILLER- 2017- ESDI.
Disponível em: <http://www.esdi.uerj.br/esdianos/282/karl-heinz-bergmiller>
Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.

<http://www.esdi.uerj.br/esdianos/282/karl-heinz-bergmiller>
Acesso em 26 de fevereiro de 2018

<https://www.design.com.br/karl-heinz-bergmiller-e-alexandre-wollner-na-esdi/>
Acesso em 26 de fevereiro de 2018

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/03/14/interna_cidadesd_f,580448/palacio-itamaraty-restaura-mobiliario-nos-50-anos-do-predio.shtml
Acesso em 14 de março de 2018